

Vale-Protótipo©

Este livro vale 55 jupits (Nova Conversão de Moeda na Bolsa Jupiter atualizada em 7/9/2022)

Para ativar o vale djupits do seu livro, scanize com o seu telefone o código em baixo ou siga as instruções manuais a seguir.



O código em baixo é um protótipo e ainda não funciona. Não precisa de ativar. Quando o nosso domínio/ aplicação estiver pronto e a Conta Jupiter estiver em pleno funcionamento o seu vale será automaticamente acionado, gerando 55 jupits na sua Conta Jupiter e o seu Cartão Jupiter será enviado para o seu email. Guarde as suas jupits. Não vai ficar sem elas. Elas são suas.

Poderá consultar a atualização dos eventos da Jupiter Agenda na página da Jupiter Editions em Member Readers em www.jupitereditions.com

Política de Privacidade

Quando comprou o livro, o leitor teve de consentir que a Jupiter Editions armazenasse os dados pessoais como o email e telefone para efeitos de comunicação e gestão da Conta Jupiter e emissão do Cartão Jupiter com os dados do leitor. A Jupiter Editions não trata, não cede nem vende os seus dados pessoais a terceiros. A Jupiter Editions protege os seus dados. A qualquer momento poderá enviar um email para manager@jupitereditions.com com o código-assunto “DATA” exercendo o seu Direito ao Esquecimento, solicitando o apagamento dos seus dados no nosso sistema informático ou solicitando a portabilidade dos seus dados conforme a Política de Privacidade que pode ser consultada online em www.jupitereditions.com

**Poderá aceder à sua Conta Jupiter e falar com outros
Member Readers**

**Poderá inscrever-se nos eventos da Jupiter Agenda
com as suas jupits em www.jupitereditions.com**

Member Readers in JUPITEREDITIONS.COM

**Você é um Member Reader
da Jupiter Editions**

O seu livro é um passaporte.

***O seu passaporte vale em toda a sociedade
Jupiter e perante os parceiros da sociedade Jupiter***

Há Direitos e Deveres dos Member Readers.

Leia sobre os seus direitos

Leia sobre os seus deveres e sobre *o Código dos
Direitos de Autor e Direitos Conexos*

© Federico Ferrari
PARANOIDE TECNOLÓGICA

Printed by Konica Minolta

Editado por Jupiter Editions

1ª Edição

1ª Ordem da 1ª Impressão ◆ 1 exemplar
18/11/2020 Edição de Luxo de Autor de 20 livros ◆ 1 exemplar
Revisto por Antoine Canary-Wharf

A 1ª Ordem e 1ª Impressão foi revista e editada pelo próprio autor. Federico Ferrari e Antoine Canary-Wharf são dois pseudónimos de Raul Catulo Moraes. A presente obra apresenta naturais erros por não ter sido editada nem revista por um Revisor Oficial e ter sido imprimida durante o Processo de 1ª Experiência de Artes Editoriais e de Impressão do Autor e da Jupiter Editions, marca criada e fundada pelo próprio autor na ocasião do Registo dos seus primeiros 9 livros que escreveu ao mesmo tempo com 9 pseudónimos e que por isso decidiu fundar a marca Jupiter Editions. A marca Jupiter Editions é uma marca registada editorial de cinema e realização para a comercialização de livros, teatros, filmes e jogos bem como a organização, realização e filmagem de eventos culturais e desportivos, incluindo os de feira e de museu.

A presente obra foi publicada pelas mãos do próprio autor nos Illuminnatti Games da Jupiter Editions conforme o Processo Maçónico de Vazamento das 9 obras do autor.

Custas pelos erros.

«Os erros são humanos e existem para serem editados. Os meus erros provam que sou um humano e que não sou um robot. Os meus erros tornaram-se valiosos, porque eu entreguei os meus erros ao mercado. Fiz valor com os meus próprios erros. Valorizei-os. Errar é um Processo Básico Natural Humano.» Raul Catulo Moraes 7/09/2022

Jupiter Editions é a primeira chancela editorial da sociedade Jupiter.

Pela Ocasão da Fundação da Jupiter Editions e para a comercialização dos livros foi aberta a Sociedade Jupiter Saturn Por Quotas que o autor fundou no seu relacionamento amoroso, ficando como sócio e gerente o seu amor-marido. Com a separação amorosa e com o fecho da Sociedade Jupiter Saturn, ficou o autor como proprietário legítimo da marca e do site Jupiter Editions continuando sozinho o projeto com a força espiritual dos Angels. Nas novas obras durante os Illuminnatti Games o autor transformou o seu ex-marido numa personagem, o DK. Na teoria dos jogos conspiratórios contra os jogos maçónicos relatados nas obras da Jupiter Editions criou-se a estranha teoria de que o DK seria um angel-demónio secreto na Rede Secreta dos Angels e que se afastou do projeto para dar uma certa força ao próprio projeto. Há quem acredite que o “divórcio” foi um divórcio simulado que fez parte do Teatro Maçónico do fecho da Sociedade. Verdade ou mentira é que o autor separou-se de facto e continuou sozinho o projeto. 7/09/2022

Jupiter Saturn Neptune NEW-ORBITIONS-EDITIONS, Lda.
Avenida D. João II 50 Edifício Mar Vermelho,
Parque das Nações, Lisboa, 1990-095 Lisboa

Capital social: 120.000,00€
Matrícula: 515966207

Obra iniciada em novembro de 2019 e concluída em janeiro de 2020 com data de diferimento de Registo Oficial de Obra de 14/02/2020. Obra escrita ao mesmo tempo em Internet das Coisas com as primeiras 9 obras do autor. Obra vazada pelas mãos do próprio autor in Illuminnatti Games em 9/9/2022 e republicada com Edição das Páginas de Apresentação em 10/9/2022. Raul Catulo Morais
Vazamento comunicado ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Papa, às Forças Armadas e Militares Nacionais e Internacionais, à ONU, NASA, Agência Espacial Europeia e ao FBI.

Porque não temos ISBN nem Código de Barras?

O Sistema ISBN não é obrigatório. Simplesmente é um elemento essencial para o livro circular no mercado livreiro, no mercado das bibliotecas, para facilitar a sua localização e recuperação e a transmissão de dados em sistemas automatizados. Os livros da Jupiter Editions são exclusivos, sendo encomendados e como tal estão fora do mercado livreiro, pelo que não necessitam de um ISBN. Porquanto a Jupiter Editions venda os seus livros diretamente ao leitor a partir da sua loja online também não está obrigada a ter um código de barras.

Porque não temos que comunicar sobre promoções e baixas de preço?

De acordo com o artigo 6º da Lei do Preço Fixo do Livro quem publicar um livro com vista a ser difundido por correspondência ou assinatura, ou qualquer outro circuito que não o da venda a retalho não está sujeito à LPFL.

Porque não aceitamos devoluções?

Decorre do artigo 18º da Lei 144/2015 de 8 setembro que em caso de conflito de consumo, o leitor pode recorrer a uma entidade de resolução alternativa de litígios de consumo. Para evitar conflitos de consumo, é importante o leitor saber que a Jupiter Editions não aceita trocas nem devoluções dos seus livros uma vez comprados e abertos pelo leitor, pelo que o Direito ao Arrependimento do leitor, não pode valer quando compra e recebe um livro, pelas razões que são óbvias e que decorrem da própria natureza de um livro. Tal como, o Direito ao Arrependimento não pode valer para um filme, também não pode valer para um livro. No entanto, a Jupiter Editions admite que o leitor possa arrepender-se da compra feita e recusar-se a receber o livro em casa. Se o leitor se recusar a receber o livro em casa, não o abrindo, a Jupiter Editions admite, neste caso, a devolução do preço do livro subtraído aos custos de envio, de retorno e de impressão do livro. Para mais informações consulte www.consumidor.pt. No caso de conflitos de consumo fora de Portugal e dentro da EU deve recorrer ao CEC – Centro europeu do Consumidor <https://cec.consumidor.pt/>

CÓDIGO DOS DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS

DEVERES E RESPONSABILIDADES JURÍDICO-PENAIIS DOS MEMBER READERS E DOS PROMOTORES E AGENTES DA SOCIEDADE JUPITER E DA JUPITER EDITIONS

1ª

Os Member Readers sabem que têm em mãos uma obra protegida por direitos de autor, podendo naturalmente promover e partilhar o livro, mas devendo sempre fazer menção ao autor.

2ª

O que se espera dos Member Readers, é que possam tirar o maior partido do livro, desfrutar inteiramente da leitura e do espírito do leitor, promoverem o livro, se assim o entenderem, mas sem violar os direitos de autor e sem pôr em crise ou frustrar todo o esforço e trabalho intelectual do autor.

Fale com o autor no Instagram ou no Facebook. Certamente que responderá tão breve assim que veja a sua mensagem. No entanto, se a sua mensagem não for entregue por causa de um algoritmo do Facebook ou do Instagram, fale connosco, fale com a Jupiter Editions e nós entraremos o mais rápido possível em contacto com o autor a solicitar o seu pedido e iremos pô-lo diretamente em contacto com o autor.

DIREITOS E VANTAGENS MONETÁRIO-SOCIAIS **DOS MEMBER READERS**

A nossa moeda virtual é a Jupit.

Falamos em histórico de jupits quando contabilizamos todas as moedas virtuais que o Member Reader já converteu até ao presente. Falamos simplesmente em jupits quando estamos a considerar as atuais jupits que o Member Reader tem disponível na sua Conta Jupiter. Para determinados concursos, pedidos ou eventos pode ser chamado o histórico de jupits do Member Reader, sendo esta uma vantagem.

Por exemplo, um Member Reader comprou *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala que vale 55 jupits + *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari que vale 22 moedas Jupiter. Ficou com 77 jupits na Conta Jupiter. Entretanto inscreveu-se na festa “Jupiter Wants To See U Dance” e usou as jupits para alugar várias pranchas de paddle/stand up numa praia onde a Jupiter Editions tem uma infraestrutura com pranchas de paddle. Atualmente o Member Reader tem 0 jupits na sua Conta Jupiter. No entanto, o seu histórico de jupits é de 77 jupits.

A Jupiter Editions está a convidar para uma Limpeza de Praia + Caminhada

na Montanha Adjacente à Praia + Limpeza da Montanha + Piquenique com Garrafa de Vinho + Reportagem Fotográfica + Oficina de Escrita a todos os Member Readers que tenham um histórico de 77 jupits. Quer dizer que o Member Reader, apesar de já ter gasto todas as suas jupits e não ter jupits para se inscrever nos eventos da Agenda Jupiter, poderá participar no convite da Jupiter Editions.

1ª

Todos os Member Readers têm direito em criar uma Conta Jupiter de forma gratuita e a beneficiar de todas as funcionalidades inerentes da plataforma;

2ª

Todos os Member Readers têm direito em participar livremente em todos os eventos da Agenda Jupiter sem discriminação e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento. Nem todos os eventos da Agenda Jupiter se bastam com o desconto das jupits, podendo alguns eventos estar sujeitos ao pagamento acrescido de uma quantia em euros. Nesse sentido, todos os Member Readers têm direito em participar sem discriminação monetária e na mesma igualdade de oportunidade, enquanto houver vagas para preencher o evento;

3ª

Todos os Member Readers têm o direito de participar livremente e gratuitamente na Plantação de Árvores da Jupiter Editions. No entanto, a sua inscrição pode ser necessária para ter direito à parte exclusiva do evento donde decorram custos como por exemplo um piquenique com passeio de balão de ar quente depois de plantadas as árvores.

4ª

Todos os Member Readers com 99 jupits têm direito a receber gratuitamente em casa o livro *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e outro livro à escolha da *Medium Line* sem gastarem as jupits, podendo solicitar a partir da Conta Jupiter ou enviando um email para manager@jupitereditions.com com o código de assunto “MYJUP”;

5ª

Todos os Member Readers têm direito a entrada prioritária sem terem de aguardar na fila para o público geral em todas as festas e eventos organizadas pela Jupiter Editions que não sejam exclusivas para os Member Readers; bem como entrada exclusiva em toda a sociedade Jupiter nos espaços reservados só para Member Readers; e ainda entrada exclusiva/ prioritária nos estabelecimentos/ infra-estruturas dos parceiros da sociedade Jupiter ou nas festas e eventos organizados por estes;

6ª

Todos os Member Readers têm direito em fazer parte do júri virtual dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions e a uma cadeira virtual no Tribunal dos Concursos e Leilões.

7ª

Todos os eventos só podem ser total ou parcialmente filmados se todos os Member Readers declararem que aceitam ser filmados ou entrevistados para o Kanal Jupiter. Se um ou vários Member Readers se opuserem à filmagem, a Jupiter Editions fará filmagens à parte e celebrará contratos de promoção de imagem com os Member Readers que aceitem participar nas filmagens;

8ª

Todos os Member Readers têm prioridade na análise dos manuscritos que submetam ao departamento editorial num dos concursos dos planos editoriais da Jupiter Editions, ficando inicialmente iniciados os Member Readers, consoante o seu histórico de jupits, com os seguintes pontos de vantagem sobre os restantes concorrentes (Tabela Antiga sem a Nova Conversão):

Histórico de moedas	Pontos de Vantagem
4	10
6	15
18	20
24	30
27	40

PROMOTORES

Compre um livro. Se gostar e quiser promovê-lo, nós devolvemos o seu dinheiro.

Seja um agente da Jupiter Editions. Celebre connosco um contrato de promoção ou agência. Entre em [contacto](#)

Se impulsionar 5 vendas, a Jupiter Editions devolve imediatamente o seu dinheiro mesmo que não tenha celebrado um contrato de promoção ou de agência. Para tal, deverá pedir aos seus amigos/ familiares/ colegas/ conhecidos/ clientes que escrevam o seu nome no momento da compra e entrar em contacto através do email jupitereditions@jupitereditions.com com o código-assunto “PROMO5” para devolvermos o seu dinheiro.

Para celebrar connosco um contrato promocional ou de agência entre em contacto através do email manager@jupitereditions.com
Os promotores e embaixadores podem ficar com até 33% dos Royalties.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

TRADUTORES

Se gostaria de traduzir um dos nossos livros em uma das nossas 12 línguas, entre em contacto

Um tradutor da Jupiter Editions fica com direitos de autor recebendo mensalmente a percentagem dos seus direitos com as vendas do mês. Um tradutor da Jupiter Editions pode ficar com uma percentagem de até 50% do lucro líquido da venda de cada livro.

Para além dos tradutores certificados, juristas e professores a Jupiter Editions dá sempre a chance e preferência aos **estudantes universitários ou artistas ou desportistas** profissionais que tenham nascido num país com a língua mãe de umas das 12 línguas ou sejam nativos estrangeiros da língua-alvo em que se propõem traduzir, ainda que não sejam tradutores certificados ou ainda que não sejam da área de línguas, desde que comprovem que dominem a língua e que são capazes de fazer plenamente a tradução e a revisão.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



CINEMA E REALIZAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro 2080 de Antoine Canary-Wharf.

A entrada no casting sem a posse do livro 2080 de Antoine Canary-Wharf poderá ser admitida com o pagamento de uma contrapartida até 50€.

A Jupiter Editions e a Kaasting darão sempre a chance a novos atores. Quem vem numa cadeira de rodas, passa sempre à frente! **Porque as personagens principais podem ir parar acidentalmente a uma cadeira de rodas.** Para este casting procuram-se algumas personagens que tenham skills de surf e bodyboard e falem alemão/ holandês/ espanhol/ inglês.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©



TEATRO E REPRESENTAÇÃO

Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. A entrada sem a posse do livro *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom poderá estar condicionada ao pagamento de 30€.



Para participar no casting bastará apresentar à entrada o livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala. A entrada sem a posse do livro *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala poderá ser admitida com um custo de até 50€.

* Esta página pode ser sua *

Se é um surfista, bodyboarder, ator, modelo, músico, pintor, ou empresário em nome individual ou um anunciante ou tem uma empresa ou um produto ou uma marca, ou está a tentar vender a sua imagem ou a sua voz ou o seu talento ou a sua paixão, que siga um verdadeiro capitalismo verde inteligente dos recursos, esta página pode ser sua. Para anunciar nesta página, fale com a Jupiter Editions através do email publisher@jupitereditions.com. A Jupiter Editions apoia as ideias, projetos, talentos, paixões e anúncios ecológicos e sustentáveis. Uma ideia sustentável Jupiter Editions©

JUPITER EDITIONS©

A Jupiter Editions é a primeira editora-realizadora portuguesa internacional filantrópica.

A Jupiter Editions é uma editora empática, humana e sustentável que nasce sem qualquer vício dos vícios ruins do mercado.

A Jupiter Editions perfilha a ideologia de um saudável *capitalismo inteligente dos recursos*, imprimindo em papel 100% reciclado e dando primazia ao verdadeiro brilhante talento humano que se consiga ver, sentir e apalpar através da escrita alicerçada num sempre pensamento filantrópico em prol da perseguição pela saúde, felicidade, paz, tolerância, liberdade e respeito.

A Jupiter Editions não vai, pois, atrás de caras, mas sim atrás de corações, atrás de bons valores, atrás de talentos, atrás da empatia, e por isso, vai atrás de histórias empáticas que possam teletransportar o leitor para o espírito do autor.

Hoje, quem tem lugar privilegiado no mercado são os bons corações, os talentosos, os brilhantes, os iluminados, os altruístas, os tolerantes, os apaixonados, os esperançosos e os empáticos. Porque é a voz deles que o mercado quer agora ouvir!

Não há uma coragem das editoras apostarem, arriscarem ou investirem num talento desconhecido, numa nova voz ou numa nova cara. Mas a Jupiter Editions tem essa coragem!

Temos as portas abertas a todos os autores sem intermediação ou necessidade de agentes literários. A nacionalidade, tal como a cor de pele, não é importante. Não significam nada! A Jupiter Editions sabe que há uma matemática no espírito e olha é para a matemática do espírito. Gostamos de letras, mas também gostamos de matemática. A nossa matemática é a tabuada do 9. O nosso primeiro plano editorial são 9 livros. O nosso segundo plano editorial serão 18 livros. O nosso terceiro plano editorial serão 27 livros. O nosso quarto plano editorial serão 36 livros. O nosso quinto plano editorial serão 45 livros. Abrimos assim, a todos, honestamente o concurso.

Em cada novo livro que chegue à Jupiter Editions como proposta editorial, temos de achar o design, a história, a sinfonia, a empatia, a diversão e o sentido. Pois, é para estas 6 inteligências que a Jupiter Editions olha. (A Whole New Mind: Why Right-Brainers Will Rule the Future, Daniel H. Pink)

A Jupiter Editions olha para os livros como uma tecnologia patenteada, como uma *start-up*. Olha para a evolução, para a potencialidade tecnológica e para a aplicação que se poderá ver nos seus livros. Cada livro da Jupiter Editions tem de ser uma *start-up*. Tem de ser um livro que vai evoluir para outro livro. Tem de ser tecnológico neste sentido. Tem de ter uma projeção para o futuro. Tem de ser uma “obra-viva”, que tenha uma continuação, uma saga, que seja uma trilogia, que possa ser facilmente adaptado para o teatro ou transformado em telenovela, série televisiva ou obra cinematográfica.

Porque comprámos uma tecnologia. Comprámos um livro que mais parece um teatro. Comprámos um livro que mais parece um filme. Comprámos um livro que mais parece uma telenovela. Comprámos um livro tecnológico. Só os livros da Jupiter Editions têm implementados esta tecnologia.

A Jupiter Editions preza pela eternidade do espírito, preferindo celebrar contratos perpétuos que não se esgotem com o tempo. Os contratos de edição da Jupiter Editions serão sempre com autores que produzam constantemente filme, numa ótica de se querer idealmente transformar um autor da Jupiter Editions numa espécie de “sócio de indústria”, em que a sua propriedade intelectual e os seus direitos de autor são o suficiente capital para “a sua entrada” na Jupiter Editions. Por isso, chamamos aos nossos autores *Member Writers*.

Na Jupiter Editions os autores, os tradutores e os promotores-fundadores, como qualquer outro colaborador, são sempre chamados a participar nos lucros. Chamamos a isto: um chamamento divino!

MISSÕES JUPITER©

Ao comprar um dos livros da Jupiter Editions está a plantar uma árvore, a limpar 1 metro quadrado de praia e outro metro quadrado de mata, mas também está a enviar um pacote de arroz ou massa e uma lata de grão ou feijão para quem mais precise em Moçambique. Vamos apanhar um avião até Moçambique com os nossos Member Writers e Member Readers, para comprarmos os pacotes de arroz e massa e as latas de grão e feijão com o dinheiro dos livros que vendermos e vermos com os nossos próprios olhos onde e a quem mais devemos entregar. Chamamos também a isto um chamamento divino.

Proteger todas as
espécies que
possuem uma
inteligência sócio-
afetiva com os da
sua espécie ou com
os humanos



Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala foi o primeiro autor a defender este tipo de inteligência, no seu romance *O Algoritmo do Amor*

"Não há só uma missão!
Há missões!
Há muitos arranjos e concertos
para se fazer na Terra antes de
se apanhar uma nave espacial
para Jupiter de Gabriel
Garibaldi".



Jupiter de Gabriel Garibaldi é vencedor do Prémio Literário Europa 2020.

CAVALEIROS TECNOLÓGICOS

Barac Bielke



@baracbielke retrato-robot gerado por Inteligência Artificial para dar uma Máscara ao Pseudônimo do Autor

CITO

«(...) As promessas que fazemos sobretudo à nossa mente devem ser cumpridas. As promessas e os contratos que fazemos com as nossas mentes são do mais sagrado que há! A nossa religião, (...), está na nossa alma, na nossa mente e no nosso cérebro. Está inscrita em nós! (...) Não se atrevera deixar que eu tivesse que rasgar um contrato-promessa que tinha religiosamente celebrado com a minha mente.» *In* **O Algoritmo do Amor**, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«“Amo-te” é a palavra-chave que torna o contrato de namoro automático, nem é preciso escrever em lado nenhum,

por isso é que é tácito. Dar beijinhos e dizer amo-te é o comportamento concludente para o contrato de namoro. Não é preciso fazer mais nada... Depois é só oficializar o “pedido de namoro”.» *In **Jupiter***, de Gabriel Garibaldi.

«O tato é tão importante como o olfato, a visão, o paladar, a audição e a intuição. Sentir na pele as coisas! Deixar a pele sentir! Ver o nosso maior órgão que nos reveste a interagir sensorialmente com quem amamos. Ver a nossa pele, o nosso órgão, todo o nosso organismo a reagir com quem amamos. Ver o nosso corpo simplesmente a mexer-se! Ver o nosso coração simplesmente a bater por quem amamos!»
*In **O Algoritmo de Amor***, de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

CAVALEIROS TECNOLÓGICOS

Barac Bielke

Registo nº346/2020SIIGAC/2020/840DATA: 2020.02.14

Revisor: Antoine Canary-Wharf

Editor: Antoine Canary-Wharf

1ª Edição

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

**A Jupiter Editions deseja-lhe uma boa
sessão de cinema-leitura.**

A Jupiter Editions recomenda:

Não use o telefone durante a leitura.

Desligue os dados móveis.

Desligue o Wi-Fi.

**Se tiver namorado/a, marido ou
mulher vá ler para o colo dele/a.**

Leia aos pés dele/a.

Dê-lhe as mãos.

**Está com um livro tecnológico nas
mãos.**

**Não deixe mais nenhuma outra
tecnologia interferir com a tecnologia
do livro ou com a tecnologia do seu
amor.**

Leve o seu livro consigo para todo o lado.

**Tem em sua posse um livro muito bonito
para andar com ele na mão para trás e para a
frente. Leia-o de trás para a frente.**

**Leia na praia.
Leia no jardim.
Lei na montanha.**

Siga o autor.

@baracbielke

CAVALEIROS TECNOLÓGICOS

Barac Bielke

JUPITER EDITIONS

Print Your Heart with Jupiter Editions©

À Lei de Lavoisier.

Porque **amor, com amor se paga.**

Como um romance se pode transformar num desgosto,
um desgosto também se pode transformar **num**
romance.

Porque na Natureza **nada se perde,**
tudo se transforma.

Henri.

“Henri, o que estás a fazer?” perguntei.

Henri estava a meter o carro para cima de um monte, onde ele também sabia que não havia rede. Ele também via a rede.

“Sabes onde é que estamos Arthur?” perguntou-me Henri.

“Sei. Em cima de um monte.”

“Mas sabes porque é que viemos para cima deste monte?”

“Não.”

“Tu sabes. Por isso, é que vens para aqui namorar com o Thomas.”

“Do que é que estás a falar?”

“Sabes que aqui não há rede. Descobriste uma vez, quando estavas a falar com o Thomas ao telefone e

vieste para aqui e o sinal da chamada caiu. Repetiste 5 vezes em 5 dias consecutivos e concluíste que aqui não havia rede.”

“Como é que sabes isso?”

“Porque eu e o Ralf Kleba-Kodak seguimos o teu *Target – A Pegada Digital*.”

“Não estou a achar piada e estás a assustar-me...”

“Aqui, não tens que ter medo comigo. Estamos num *bunker*. E foste tu que o descobriste. É como se tivéssemos ido parar a um poço sem sair da terra. Um *bunker* é uma estrutura subterrânea de betão, escura, com paredes super espessas, sem janelas, onde não há rede... Onde a rede não chega e onde os hackers não chegam...”

“Eu sei o que é um bunker, Henri...”

“Aqui podias sacar-me os bicos que quisesses, que o Thomas nunca iria saber.”

“Que raio de conversa é essa Henri? Destranca o carro, quero sair...”

“Arthur, tu não te lembras, mesmo, de mim, pois não?”

“O quê?”

Henri pegou no telefone, olhou-me perversamente de soslaio e através do telefone dele, hackeou os meus óculos. À frente, apareceu-me um holograma tal e qual em realidade virtual aumentada. Não era a minha mente que estava a fabricar aquele filme. Era demasiadamente real. Sabia que era um filme que a minha mente não fabricaria. A minha mente estava a ver comigo aquele filme e a minha mente e o meu *terceiro olho* saíram os dois daquela realidade virtual aumentada e viram que o Henri me tinha enviado uma mensagem tecnológica ultrassecreta para os meus óculos. Eu tinha-o visto a mexer no telefone... Mas o quê? Tinha óculos 4 D e não sabia?

“O que é que estás a ver?” perguntou Henri a rir-se.

Eu estava assustado. Aquela tecnologia era demasiado avançada para mim e baralhou-me por alguns segundos. Tive que saber que não era a minha mente a ver nada nem a fabricar nada daquilo. O Henri enviou-me uma memória. Era eu a entrar no site da *Eagle Studios*, a clicar no Henri, no meio de todos os outros modelos nus, a escolher tecnologicamente o Henri, no meio de todos os modelos, abrindo um vídeo dele e a masturbar-me em frente à câmara do meu primeiro PC.

“Já percebeste agora? Foi por isso, que eles me escolheram. Eu sou um algoritmo do teu passado. Tu não te lembravas de nada, pois não?”

“Não.”

Eu estava chocado... Envergonhado... Tinha achado o Henri, desde o princípio, muito familiar. Como tinha achado todos, muito familiares. Mas espiritual como sou, achava que o conhecia de outra vida, de outro mundo paralelo. E afinal, estava ali a resposta do mundo paralelo. Conhecia-o de uma janela virtual que tinha aberto nos meus tempos de puberdade

em que via pornografia. Eu só ia ao *site* da *Eagle Studios* para ver o Henri. No meio de todo aquele porno, eu imaginava um romance com ele. Em que, numa síndrome de Estocolmo, estávamos presos à indústria pornográfica, mas só contracenávamos um com o outro. Construía ali uma história de amor platónica entre mim e o Henri. Era cego por ele. Acordava a pensar nele e ia ao *site* para o ver, tornando a minha virtualidade mais virtualizada. Virtualizava-a ainda mais. Virtualizava-me ainda mais. E antes de me deitar, ia sempre vê-lo para o teletransportar todos os dias para os meus sonhos.

É claro que hoje, era uma experiência que ocultaria a qualquer um dos meus namorados. Dizer que via pornografia era algo que me envergonharia. Então, dizia que não via pornografia. Que vi uma vez ou outra, na flor da idade, mas que achei horrível e não vi mais. E criticava muito a indústria pornográfica. Dizia que havia uma objetificação que as empresas de pornografia faziam sobre os seus modelos e que deveria ser mais investigada e averiguada por parte do Ministério Público de cada país onde estivessem sediadas as empresas. Conspirava que haveria ali um aproveitamento empresarial da vulnerabilidade económica ou estado psicológico e emocional dos modelos. Não conseguia

imaginar, como é que alguém na escola, quando o professor perguntasse o que queriam ser quando fossem grandes, respondessem que queriam ser prostitutas ou atores pornográficos. Normalmente os humanos dizem sempre ou que se querem casar, ou ter filhos, ou encontrar a sua alma gémea. E a pornografia nunca me pareceu um mundo que os humanos desejassem ir para lá parar, a não ser que precisassem de dinheiro para “sobreviver” e não soubessem fazer mais nada do que serem bons na cama.

Para alguns humanos, “sobreviver”, é ter que ter uma piscina. Para outros, é ter que ter um poço. Para outros, é ter que ter um tanque. Para outros, é ter que ter um alguidar para ir buscar água do poço a 10 km para lavar a roupa no tanque. Para alguns humanos, “sobreviver”, é ter que ter uma prancha de surf, para outros é ter que ter um barco à vela, para outros é ter que ter um iate. Há quem seja feliz com uma prancha de surf e um poço em casa, sem piscina, nem iates. Há quem tenha iates e piscinas, veja pornografia, consuma drogas e esteja deprimido. E há quem esteja a ser visto na pornografia, drogado, infeliz e deprimido. E uma das minhas grandes preocupações, era se as empresas drogavam ou não os seus modelos. Ou se eram os modelos que drogavam os empresários.

E às vezes, o Henri parecia drogado nos vídeos. Parecia que tinha sido drogado. E fazia-me uma confusão ver como é que rapazes lindos de morrer, se sujeitavam àquilo. Porque é que iam parar à pornografia?! Parecia que não batia certo... Porque é que aqueles modelos, com corpos perfeitos, caras comerciais, estavam ali em frente às câmaras a serem esporrados na cara, a levarem com jatos de esperma de 2 ou 3 de uma vez, a abrirem a boca daquela maneira e a deitarem a língua para fora daquela maneira, à espera de levarem com mais um banho de esperma e engolirem tudo à frente das câmaras? Deixarem as câmaras acompanhar o movimento do esperma a descer pela garganta? E abrirem, depois outra vez, a boca, para as câmaras verem que não havia truques cinematográficos nenhuns, a porem a língua para cima, a deixarem as câmaras inspecionarem a boca toda, a porem o dedo na boca e puxarem a bochecha para mostrar que não havia esperma nenhum alojado, senão vestígios? A mostrar que tinham engolido tudo? Mas tinham-lhes pago 200 milhões ou quê? O quê???? Nem 200 €? Para conseguirem ter 1000 €, tinham que fazer 5 vídeos daqueles???? Alguma coisa não batia certo... Não podia bater certo... Com droga, as coisas começam a não bater certo... Então, concluía, que, de certeza, que eles são todos lindos de morrer, mas são todos uns

drogados. Ou apareceram drogados a bater à porta da empresa, ou a empresa drogou-os quando os trancou naquela porta tecnológica. Porque deve ser preciso estar completamente drogado, para estar metido naquele mundo.

Eu estava metido no meu mundo com o Henri. Vi-o a contracenar sempre com atores diferentes, mas imaginava-me sempre ser um desses atores com quem ele “fazia amor” e era assim que a minha tecnologia de realidade virtual aumentada funcionava naquele meu amor platónico fiel. E aprendi uma coisa muito engraçada com que eu tinha nascido. Para além de ser humano e ter sentimentos e deixar-me seduzir pela beleza do corpo humano, que me atrai sexualmente por eu ser humano, eu até no meio de todo aquele porno, eu era fiel e tinha um foco. Naquela montra virtual de modelos nus, que era o que era o *site*, eu olhei para todos e escolhi um. E foi sempre ele. Foi sempre com ele. Só me atraía por ele. Era o Henri que me atraía. E por isso, só via os vídeos dele, quando podia ver os vídeos de todos os outros. Quando entrava no *site*, apareciam logo vídeos de outros modelos a darem, sem eu carregar no *play*; e eu tinha que navegar cegamente, sem nenhum esforço, “naquele corredor” tecnológico cheio de quartos com as portas abertas e semiabertas

com os modelos nus na cama a convidarem-me para me deitar com eles, à procura do Henri. E lá o encontrava sempre com um ator diferente. E tecnologicamente, eu desencaixava o ator do colo do Henri e tecnologicamente encaixava-me ao colo dele.

E vi que tinha nascido com o algoritmo da fidelidade instalado em mim. Que era um ser humano e um ser amoroso. Que tinha nascido para estar amorosamente com outro ser humano. Mas só com um ser humano. E que ser fiel não era “não poder estar” com outro cavaleiro, quando andávamos a cavalgar no cavalo do nosso cavaleiro, mas simplesmente “nem sequer estar predisposto para andar” no cavalo senão do nosso cavaleiro. Querer estar só ao colo do nosso cavaleiro, que em sábias cavalgadas nos levava para todas as infinitas cavalgadas que teríamos com todos os outros cavaleiros de mundos paralelos. Sentia a força do algoritmo em mim, que me outorgava o nobre feitiço “um só cavaleiro e até ao teu cavaleiro, um cavaleiro de cada vez”.

“Não te lembras mesmo de nada?”

“Não.”

“Pois, o Thomas deve ter-te feito mesmo uma grande cirurgia aí.. Ele apagou-me da tua mente... E eu agora vou ter que me vingar dele...”

“O quê?”

“Com toda aquela tecnologia, todas as manhãs e todas as noites, até tardes que passavas em casa por causa de mim, a veres-me cada centímetro, a desejares-me cada centímetro, a ocupares cada centímetro da tua mente comigo, tu tinhas-me gravado na tua alma. Era a mim que me trazias nessa tua alma. Foi a mim que me gravaste primeiro no teu coração. E eu gravei legitimamente o meu espírito, com a tua autorização, em ti. E o Thomas foi lá, onde a minha tecnologia tinha chegado e gravado em ti o meu espírito, e tirou de lá o meu espírito. Desgravou o meu espírito e gravou o espírito dele por cima. Eu antigamente dava-te tusa e agora já não te dou? A culpa é dele! Fiquei ali todo nu para ti no balneário e tu passas a correr, metes-te na cabine de duche e fechas a porta? Nem me deixas entrar? Nem esperaste para ver se eu queria entrar? Eu fui todo tesudo atrás de ti, não estava mais ninguém no balneário, tínhamos o balneário só para nós, aquilo não te pareceu óbvio? Era óbvio que estava ali todo nu para ti! Mas tu, cego pelo Thomas, nem sequer me viste nu, quando me vias todos os dias nu e te vinhas vezes sem conta por causa de mim. Ele arrancou-te de mim. E agora eu vou ter que te arrancar dele.”

“Ou destrancas o carro ou eu parto-te a boca e o vidro do carro!”

Hugo.

Eu queria ter acabado com ele depois daquela viagem *supertecnológica*. Vínhamos no autocarro. Eu queria dar-lhe as mãos e ele recusava. Eu queria dar-lhe um mimo e ele recusava. Eu queria conversar com ele e ele suspirava e dizia que não me queria ouvir, porque o estava a aborrecer, o estava a enervar, o estava a cansar e não tinha respeito pelos problemas tecnológicos dele, que ele tinha que ir a resolver durante a viagem no *Facebook* e no *Instagram*, porque eram conversas muito importantes que ele tinha que ter durante a viagem, muito mais importantes do que me dar as mãos ou conversar comigo. Eu nem podia chorar. Porque se chorasse, ainda mais o enervava.

Sáímos do autocarro e fomos para as cavaliariças, mas no caminho ainda teve a coragem de comentar um cavaleiro tecnológico que passou por nós a cavalo com o telefone na mão, sem tirar os olhos de nós e do telefone, dizendo que já tinha dado uma volta com ele e que se não namorasse comigo não se importava nada de ainda dar mais uma ou outra volta com ele, porque ele era tão bom na cama como a montar a cavalo.

Assim que chegámos às cavaliças ferrei-me a chorar. Disse-lhe que queria acabar tudo. Já não aguentava as conversas charradas dele. Já não aguentava aquelas viagens tecnológicas com ele num perturbador silêncio, em que viajava ao lado de um estranho e não de um namorado. Já não aguentava andar com ele na rua e ele sempre mais à frente que eu na rua e depois vir-me com a conversa dos lobos; que o lobo alfa vai sempre à frente, quando o lobo alfa vai é no final da fila. É que nem lobo alfa que ele tanto queria ser, nem sabia ser! Era horrível andar atrás dele na rua, e não ao lado dele. E era horrível ouvir os imensos cenários de mundos paralelos que ele montava, forçando-me imaginar com ele e com a mente dele se nós não namorássemos, quando os filmes de mundos paralelos que a minha mente fabricava eu aparecia sempre (como) namorado dele.

Sempre que vinha ter comigo, aparecia-me de charro na mão a cheirar sempre a erva, a suor, que era a mesma coisa! Ele adorava estar montado a cavalo todo charrado. Dizia que se sentia poderoso. Dizia que via toda a história do homem num filme tecnológico que o charro lhe dava. Dizia que a tecnologia dele era o charro. Ainda nem nos tínhamos sequer beijado e ele já

ascendia outro charro. Por muito que me custasse admitir, eu andava a namorar um drogado tecnológico. Nós nunca tínhamos estado juntos em nenhum dia do nosso namoro que ele não tivesse “fumado umas” antes.

Mas ele trouxe uma nova conversa, ainda mais surreal, ao ver-me ferrado em lágrimas nas cavalariças. Veio-me com a conversa dos *ferraris* e dos *lamborghiniis*. Referiu-se aos rapazes “giros” com quem tinha andado e aos rapazes “giros” que andavam atrás dele como *ferraris* e *lamborghiniis*. Mas quem é que é o insólito, para não chamar outro nome, que “denomina” de *ferrari* ou *lamborghini* os “rapazes giros”? Seria um traço da futilidade dele? Um traço da objetificação dele? Um traço da frenopatia dele?

“Arthur, eu amo-te! Tu sabes os *ferraris* e os *lamborghiniis* com quem eu já tive. Rapazes de sonho. Com corpos de sonho. E eu em ti não me importo que tu não tenhas um corpo de sonho, porque eu amo-te. Tu sabes que não há ninguém capaz de te amar mais do que eu! Tu sabes disso! Sabes que se eu quisesse eu podia ter agora na mão o *ferrari* ou o *lamborghini* que eu quisesse, mas eu amo-te é a ti, Arthur! Não acabes

comigo, por favor! Eu amo-te! Não sei mais viver sem ti! Tu és tudo o que eu sempre quis! Eu não te quero fazer sofrer! Eu só te quero fazer feliz! E tu sabes que eu te posso fazer feliz! O teu lugar é comigo! Desculpa, eu não te queria fazer chorar! Tu és lindo! És um ser lindo! Eu amo-te! Não queria ter-te dito aquilo no autocarro! Desculpa-me! Por favor, desculpa-me! Eu amo-te! É claro que tu não me cansas! Eu adoro a tua voz, Arthur! Como é que eu podia cansar-me dela? Aquilo foi do momento, desculpa! Por favor, perdoa-me! Eu amo-te! Mais ninguém vai amar como eu te amo! Acredita em mim! Nós fomos feitos um para o outro! Eu não te vou mais fazer sofrer! Acreditas em mim? Eu amo-te! Olha-me nos olhos! Não consigo parar de chorar, por ti! Acreditas em mim?”

“Acredito.”

“Desculpa, eu amo-te!” e abraçou-me.

“Vou telefonar aos meus pais para vires lá dormir. Quero que os conheças! E eu nunca levei ninguém lá a casa! Esta vai ser uma das minhas provas de amor por ti! E os meus pais vão adorar-te, vais ver!”

O avô do Hugo estava perto das cavalariças e apanhámos boleia do avô dele para a casa dos pais do Hugo. Assim que chegámos, reparei logo como era tecnológica a casa dele. Dentro do jipe à frente do portão, enquanto o Hugo “ia buscar” a aplicação no telefone para abrir o portão, avistei logo umas quantas câmaras. Fomos entrando muito devagarinho, fui “estudando” onde havia câmaras instaladas ao longo do jardim e vi 4 cães e um robot que se dirigiam a nós para nos receber, enquanto os pais dele estavam sentados na esplanada os dois com o telefone, lado a lado. Imaginava que o robot teria inteligência artificial suficiente e os cães, um faro tecnológico suficiente para passarem toda a informação em tempo suficiente aos pais dele. Imaginava que o robot processaria instantâneamente as minhas micro expressões faciais, os meus sorrisos artificiais, os meus medos tecnológicos; e sentados na esplanada, os pais dele cumprimentar-me-iam já detentores de uma informação tecnológica privilegiada sobre a minha personalidade. Seria essa a espiritualidade tecnológica deles.

“Bem-vindo, Arthur! Vocês devem vir esfomeados... Mas já têm a mesa do almoço posta para vocês. Vou só mostrar-lhe a casa e ficam logo à

vontade. Têm a casa para vocês o dia todo. Nós vamos sair com o meu pai e só voltamos à noite para jantar convosco.” disse simpaticamente a mãe do Hugo.

Havia câmaras por todo o lado. Não era só no jardim. Era no hall, na cozinha, na sala de jantar, na sala de estar, até nos quartos. E a mesa do almoço estava muito bem posta, com dois cachos de uvas, duas romãs rachadas, uma taça com morangos, uma taça com nozes, uma taça com tâmaras, uma taça com camarões e uma garrafa de vinho. E sabia que ainda havia uma sopa de cogumelos que fumegava da cozinha e um salmão aberto para o grelharmos quando quiséssemos. Mas havia três câmaras apontadas à mesa “bem-posta” que dava um filme 3 D muito bem-posto na minha cabeça. E lembrava-me que um dos lemas dos cavaleiros tecnológicos, era que “com papas e bolos se engavam os tolos”. Mas seriam até os pais dele, cavaleiros tecnológicos? Seria até o avô, um cavaleiro tecnológico? Esse avô que rondava as cavalariaças e onde nos deu a boleia tecnológica até à maçonaria tecnológica?

Mas os beijos e os apalpões que o Hugo me deu, assim que o avô e os pais dele saíram fizeram absorver-me só nele e pensar que toda aquela tecnologia seria

tão-só para os bandidos e para os gatunos. E eu não era nem bandido nem gatuno. E lembrava-me que os cavaleiros tecnológicos eram ladrões de corações. Mas logo embebido em todo aquele (tão-só meu) amor, ao sabor daquele vinho que deixava taninos na boca, ia chorando de felicidade e ia “debitando” desalmadamente naquela mesa bem-posta os meus medos, contando uma ou outra cavalgada que tinha tido com um ou outro cavaleiro. E o Hugo fazia o mesmo. E agarrava-me ao colo e levava-me para a cozinha, para irmos grelhar o salmão e aos braços dele, eu cantava e ele dizia-me que ia fazer de mim um rouxinol.

Mas eu não queria que ele fizesse de mim um rouxinol! Eu gostava de cantar como estava a cantar. Gostava de desafinar. Gostava de estar só a cantar. Gostava de estar só a expressar-me. Sem me importar com recursos estilísticos, matemáticas, pautas de músicas, guiões de teatro ou gramática. Só queria cantar. Só me queria expressar como eu sabia expressar-me. Não queria que ninguém me visse com os seus olhos tecnológicos e me quisesse pôr a render no mercado, como uma nova tecnologia. Não queria que nenhum namorado me visse com os seus olhos comerciais e me quisesse pôr a render no mercado, como um produto dele. Que me pusesse a render, como um produto do

amor dele. Afinal a canção saía-me assim, porque estava aos braços dele. Afinal eu desbobinava, porque o vinho destrancava tudo aquilo que eu tinha fechado a 7 ou 10 chaves. E os cavaleiros tecnológicos, tinham todas as chaves tecnológicas capazes de se encaixarem algoritmicamente em cada uma das minhas fechaduras.

Daquele colo tecnológico ao paladar anafrodisíaco dos morangos, das romãs, das nozes e das tâmaras, não fomos, afinal, parar à cozinha mas sim ao quarto dele, ficando o salmão por grelhar. As persianas baixaram ao sabor da ordem do Hugo, que deu a ordem através da sua doce e rouca voz. Adormecemos. E dali fui depois teletransportado por ele, aos braços dele, para a mesa do jantar, que me encaixou perfeitamente na cadeira. Chegámos à mesa antes dos pais dele. E depois dali fui outra vez teletransportado por ele, ao colo dele, da mesa do jantar ao quarto dele. Assim que os pais dele saíram da mesa, ele levantou-se, arrancou-me da cadeira e realizou o teletransporte. Assim que cheguei ao quarto ao colo dele, pôs-me de pé e por detrás de mim, fazendo-me ajoelhar, baixou-se encaixado comigo de cócaras. E tentando penetrar-me, eu tremia e tombava.

“Tu és todo desengonçado! Não sabes fazer nada! Mete as duas mãos no chão para te equilibrares! Quero-te de 4! Não sabes ficar de 4, porquê? Que raiva! Fazes tudo mal! Não sabes o que é ficar de 4?”

“Desculpa, Hugo! Mas eu nunca estive assim de 4...”

“Estás a tremer por todo o lado para quê? Agora perdi a tesão, por causa de ti!”

“Desculpa, Hugo!”

“Esses teus medos que trazes doutros cavaleiros e doutras cavalgadas, prejudicam tudo. Parece que não me veneras. Que não me adoras. Se me venerasses, não eras desengonçado e eras submisso. Se adorasses cada parte do meu corpo punhas-te logo com o rabo empinado, pronto para levar a noite toda... Mas tu tens vergonha de empinar o teu rabo para mim, pelos vistos!... Eu sou o teu namorado, não podes ter vergonha de empinar o rabo para mim! Todos os namorados empinam os rabos para os seus namorados. Mas tu não empinas o teu para mim, e eu sou o teu namorado... Sabes a quantidade de rapazes que davam tudo para estar no teu lugar? Eu tenho imensos rapazes *ferrari* e *lamborghini* atrás de mim, e tu sabes!... Sabes, que o que eles mais querem é levarem no *cú* a noite toda de um gajo como eu; porque

eu sou o sonho deles, sou o sonho de qualquer gajo! E eu sou o teu namorado e tu não és capaz de aproveitar isso... Quantos rapazes davam tudo para estar no teu lugar?... Pensa nisso! Devias pensar mais nisso e não só em ti... Se eu estou contigo é porque te amo! Tu sabes, os rapazes *ferrari* e *lamborghini* com quem eu já estive e os rapazes *ferrari* e *lamborghini* com quem eu podia estar, mas és tu quem eu amo! Mas por mais que eu te ame, eu quero alguém, não interessa quem, mas alguém que me venere, que adore cada parte do meu corpo...”

“Eu adoro cada parte do teu corpo...”

“Que me veja como um Deus...”

“Eu vejo-te como um Deus...”

“Que me diga que eu sou o homem mais perfeito...”

“Tu és o homem mais perfeito!”

“Então se sou, para a próxima faz as coisas como deve de ser!”

Eu e a câmara, com a nossa *night vision*, vimo-lo a sair do quarto toscamente, deixando-me ali atirado e

abandonado ao chão. Arrastei-me num silencioso chorinco até à cama dele, trepando-a. Passado meia hora vesti lã nos pés e numa silenciosa passada fui à procura dele. Vi-o de longe deitado, fortemente abraçado ao colo da mãe que estava sentada no sofá e que debruçada também o abraçava fortemente. Voltei para o quarto. Passado meia hora fui outra vez espreitá-lo à sala e vi-o em frente à TV aos risos a ver um filme de guerra com armas laser numa galáxia qualquer... Voltei para o quarto. Passado meia hora voltei a espreitá-lo e vi-o deitado no sofá de barriga para cima agarrado ao telefone a jogar um jogo qualquer... Voltei para o quarto.

Apetecia-me simplesmente pegar num martelo e rachar-me todo. Martelar-me. Sentia-me completamente martelado. Aquilo eram como marteladas atrás de marteladas. Eu estava a ser martelado por inteiro. Mas o que é que eu estava ali a fazer? Porque é que eu não me ia simplesmente embora? Porque é que eu ainda não tinha chamado um táxi? Porque não tinha dinheiro? Eu não tinha dinheiro. Não tinha como me ir embora. Não podia pitar-me dali para fora. Tinha que ficar ali. Tinha que passar por aquele processo? Com aquela câmara ali, tinha que passar por aquele processo tecnológico? Como é que eu (ainda) estava ali há uma hora e meia

sozinho no quarto dele, depois de ele me ter chamado desengonçado, por não saber como colocar-me de 4?

Passado duas horas voltou com os olhos em lágrimas, abraçou-me e pediu-me desculpa pela forma como me tinha falado. Disse que me amava, que eu era o homem da vida dele, que os pais dele me tinham adorado ao jantar e que a mãe dele me tinha achado um rapaz muito bonito e muito educado. E era sempre isto. Ora esmagava-me o coração. Ora enchia-me o coração. Ora tirava-me o fôlego todo. Ora bafejava-me, enchendo-me os pulmões. E eu adorava o bafo dele! Ora dava-me vida, ora tirava-me o alento.

Pedia-me desculpa e eu desculpava-o.

Pedia-me desculpa e eu esquecia-me de tudo.

Perguntava-me se eu o queria mamar e eu dizia-lhe que sim, que o queria mamar.

E punha-me a mamar debaixo dos lençóis dele todo tapado.

E ao longo do ato, ia-me sentindo desconfortável. Não via ali amor nenhum. Estava ali tapado a mamá-lo e ele nem me estava a ver. Era como

se estivessemos de luz fechada, de olhos fechados e pudéssemos imaginar outras pessoas. Eu sabia lá o que é que ele estava a imaginar. Se calhar, imaginava-se numa orgia. Se calhar, imaginava outro rapaz ali a mamá-lo. Mas era eu que o estava a mamar. Porque é que ele nem olhava para mim? Porque é que ele me cobria com os cobertores? E enquanto o mamava, ia-lhe beijando também os pés. Ele dava-me os pés para os beijar.

Eu adorava os pés dele. Via-os perfeitos. Pareciam pés angelicais. Eu adorava beijá-los. E ele adorava que eu os beijasse. Mas não era eu que ia lá beijá-los quando eu queria. Era ele que me dava os pés para beijá-los e eu tinha que os beijar quando ele ordenava. Seria isto um traço do narcisismo dele?

Ele vinha-se e pronto. Não me deixava mais vir-me.

“Não te vais vir aqui na cama. Nem te vais vir para cima de mim, como deves calcular. Eu vim-me na tua boca, não sujei os lençóis. E não me apetece mudar os lençóis só porque te vieste em cima deles, quando

podias muito bem vir-te noutro sítio. Vai bater uma para a casa de banho, se quiseres.”

Obviamente que toda aquele engenho dele inibia toda a engenharia do amor que o meu corpo engenheiramente fabricava por ele. Parecia, agora que me tinha arrancado o espírito. Parecia que me tinha arrancado o coração. Parecia mesmo que tinha aberto o meu peito, enfiado a mão dele dentro do meu peito e agarrado o meu coração arrancando-o para fora e trazendo o meu coração para o “mundo cá fora”. Mas logo enchia-me de beijinhos, dizia-me uma dúzia de “amo-tes” e com o seu olhar angelical governado pelos seus olhos azuis que me hipnotizavam no seu governo, fazia-se ilegitimamente parecer um anjinho, um ser divino, um mensageiro, dizendo-se ser um dos *Anjos Tecnológicos* enviados para mim d’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. E eu, na minha espiritualidade, acreditava. Acreditava sempre. Porque ele sabia que eu “via Deus” em tudo, e por isso mexia(-me) com esse “meu Deus”. Mexia com as minhas emoções e com a minha espiritualidade. Sabia como o fazer. Seria isto um traço da manipulação dele?

E deixando-me naquele amoroso clima angelical, foi encher a banheira de hidromassagem com água quente para tomarmos os dois um sumptuoso banho, que ele dizia que *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, o tinha enviado para me oferecer “um banho dos deuses”. E eu ouvia a água a correr e “sentia” a água a encher a banheira e já me tinha esquecido que aquele “*Anjo Tecnológico*” me tinha arrancado o coração. Pegou-me ao colo e teletransportou-me da cama à banheira. O teletransporte, como sempre, foram os musculados braços dele. De pé, na banheira, ficou por detrás de mim. Assim que ele me penetrou, veio-se logo. Parecia um vulcão dentro de mim. Conseguia sentir-lhe as veias e a pulsação no pénis dele enfiado em mim.

“*Foda-se!* Sujaste a água toda!”

“Desculpa... Eu vim-me ao mesmo tempo que tu... Não resisti a sentir-te a vires-te todo dentro de mim...”

“Mas eu vim-me dentro de ti! Não foi na água! Eu tive um trabalhão a encher a banheira de água para nós e tu agora sujaste-a toda! Isto foi um desperdício de água! Não pensas no ambiente! És um egoísta e um ingrato! Não tens cuidado nenhum!”

Ele mandou-me sair da banheira e mandou-me para o quarto dele, sem o banho tomado. Eu saí e fui para o quarto dele prantear-me num incomensurável e esbaforido pranto. Quando ele voltou do seu sumptuoso banho, com os cabelos molhados penteados para trás, encharcado de perfume, veio logo abraçar-se asfixiando aquele meu pranto noutra dúzia de “amo-tes” e desensopando as lágrimas com a tecnologia que trazia carregada na ponta dos dedos das suas alienígenas mãos. Com aquela mão dele alienígena, que me cobria em festas a cara e a cabeça inteira, conseguia desgravar qualquer dor que ele me tinha provocado. E eu já me esquecia do “foda-se” dele e já estava hipnotizado no olhar dele a receber a imensa saliva que ele trazia nos beijos com língua que me dava. E adormecemos assim.

Acordámos no dia a seguir com o sino tocado pelo melhor amigo dele que tinha vindo de longe de mota. E vi o Hugo a mandá-lo embora, só porque não tinha sido avisado. Mas quem é que manda os amigos embora daquela maneira? E fosse de que maneira fosse, quem é que manda os amigos embora? Porque eu recebo os meus amigos com um grande abraço! E

quando os meus amigos me aparecem em casa sem avisar, ainda mais os abraço, porque para mim é uma maravilhosa surpresa! A melhor surpresa de todas! Os amigos são como família! Aparecem e pronto! Mas será que quem chama desengonçado ao namorado é quem também manda os amigos embora? Haveria aqui algum traço psicológico que se pudesse entrecruzar?

“Não te metas na minha amizade com ele! Eu é que sei! Mandei-o embora e vou mandá-lo sempre embora cada vez que ele vier sem avisar! Ele tem que aprender!”

“Mas ele não é o teu melhor amigo?”

“Sim, é!”

“Não entendo...”

“Não preciso que entendas! Preciso é que ele entenda e não pense em voltar a minha casa sem avisar, porque não vai entrar! Além disso, nós hoje vamos ter com ele, por isso não sei o que é que ele veio cá fazer.”

“Vamos?”

“Vamos!”

E fomos.

Levou-me para aquele túnel secreto lá do convento. Por detrás do convento metia-se um outeiro que o tínhamos que descer com cordas numa espécie de rappel montado pelos cavaleiros tecnológicos. Depois do rappel, havia uma espécie de pântano que afundava o menor atrevimento e bravura. E ia-me desabafando na travessia pantanosa que um cavaleiro tecnológico tinha que ser atrevido e bravo e que o “nosso” apetrechamento tecnológico era, por isso, o atrevimento e a bravura. E voltava a repetir, que era preciso “sermos” atrevidos. E enquanto dizia que tínhamos que ser atrevidos “mandava-me” um chapadão no rabo. E eu já avistava o túnel e já avistava os cavaleiros tecnológicos à porta do túnel com os telefones “connosco” na mira e o Hugo batia-me com mais força no rabo e eu pedia-lhe que parasse por causa dos amigos dele. Mas ele não parava e batia-me com mais força no rabo e dizia-me que tínhamos era que ser bravos e atrevidos. Sabia que aquela cena o estava a deixar ereto, porque com ele a andar atrás de mim sentia a ereção dele que me ia roçando na regueira das calças.

Aproveitando a lentidão da travessia pantanosa, por detrás de mim, agarrava-me com as mãos pela anca, mandava-me um chapadão por entre as nádegas, num movimento de vírgula puxado atrás com balanço e logo a seguir roçava-se todo. E eu ouvia os risos deles e o Hugo abafava-me as risadas com os sagazes “amo-tes” dele que me metia diligentemente na cabeça pelos ouvidos, confundindo-me por completo. Eu já não sabia onde estava. Já não sabia quem era aquele Hugo. Já não sabia o que estava ali a fazer. Era a essa a tecnologia dos cavaleiros tecnológicos: confundir. E quando ele sentia a minha própria tecnologia da minha própria natureza a achar uma luz naquilo tudo e lucidamente a decidir sair dali enquanto podia, o Hugo dizia que me amava e pedia-me que confiasse nele.

À nossa oficial chegada, eles desmontaram-se todos elegantemente dos cavalos. O melhor amigo dele trazia uma venda e culpou-me por eu ter sido a razão de o Hugo o ter mandado embora.

“A única forma de eu agora te perdoar e te fazer pagar pela minha humilhação é deixares-me humilhar-te

à frente de todos nós, cegando-te os olhos com esta venda. Aceitas a minha vingança?” perguntou-me.

“Aceito.” respondi.

“Então, como cavaleiro beta desta malta de cavaleiros tecnológicos, declaro-te novo gama desta malta. Serei o teu padrinho desta malta. E sabes o que é que os padrinhos têm que fazer aos seus cavaleiros gamas?” perguntou-me.

“Não, padrinho.”

“Têm que os carimbar. Aceitas ser por mim carimbado?”

“O que é ser carimbado?” perguntei.

“Aceitas ou não aceitas?”

“Posso ser carimbado pelo Hugo?” perguntei.

“Não podes. Porque o Hugo é o cavaleiro alfa e os cavaleiros alfas não carimbam os cavaleiros gamas. Quem pode carimbar os cavaleiros gamas são os cavaleiros betas. Todos os cavaleiros betas podem carimbar o cavaleiro gama, mas só depois de o padrinho o fazer. E sou eu o teu padrinho. Aceitas ser por mim carimbado?”

“Não tenho que pedir autorização ao meu namorado?”

“O que o Hugo mais quer, é ver-te seres carimbado pelos cavaleiros beta, por cada um de nós. Aceitas ser por mim carimbado?”

“Aceito.” respondi definitivamente.

O melhor amigo do Hugo, o meu padrinho de toda aquela malta, despiu à minha frente o polo ficando de tronco nu, pedindo-me que o imitasse. Olhei para o Hugo e o Hugo tirou o polo ficando também de tronco nu. E logo a seguir todos os outros cavaleiros betas tiraram ao mesmo tempo os polos num perfeito passo militarizado. Vi aquilo como uma prova de amizade. Um ritual de grupo. Vi ali uma praxe. Vi ali um protocolo. Vi ali uma etiqueta. Vi aquilo como uma brincadeira de rapazes, dos amigos do meu namorado, do grupo de amigos do meu namorado, e por isso, tirei também o meu polo. O meu padrinho aproximou-se, colocou a venda e enquanto me vendava, eu conseguia inalar o odor das axilas dele. Não sabia se era sem querer ou propositado. Estava vendado, por isso, não conseguia jurar que ele me tivesse posto uma das axilas dele à frente do nariz para cheirá-lo, para senti-lo, para

memorizar-lhe o cheiro, para me excitar com o cheiro dele. Mas pelas risadas tecnológicas que eu ouvia, adivinhava que filmavam a cena com os telefones, cavaleiros tecnológicos como eles eram. Além de que não estava a ver senão ele a levantar propositadamente a axila enquanto me apertava a venda, para eu sentir o cheiro intenso daquela maneira. Eu não queria memorizar-lhe o cheiro. Mas o cheiro dele instalava-se, alojava-se tecnologicamente no meu cérebro.

Senti o meu padrinho a afastar-se e senti outro cavaleiro a aproximar-se e a meter a axila dele no meu nariz. Agora sabia que estava no meio de uma qualquer prova. Mas saberia já que estava no meio de uma prova sexual? Estaria de facto, no meio de uma prova sexual? Sabia que era outro cheiro de outro corpo masculino. E sabia que não era do Hugo. Então decidi introduzir a minha tecnologia no jogo tecnológico de cheiro deles.

“Não é o Hugo!” gritei.

E as risadas tecnológicas deles deram lugar a um novo silêncio.

Teria inovado ou atualizado aquela moderna maçonaria tecnológica?

Teria provocado prazerosamente a virilidade singular de cada um deles?

O meu padrinho voltou a aproximar-se e a meter a axila dele no meu nariz e eu clamei que era o meu padrinho. O meu padrinho afastou-se e aproximou-se um novo beta e eu voltei a gritar que não era o Hugo. O cavaleiro beta afastou-se e aproximou-se o Hugo e eu clamei que era o Hugo. Sabia o cheiro dele de cor. Aquela minha tecnologia mereceu uma salva de palmas e uns valentes assobios deles. O meu padrinho ordenou que me ajoelhasse e eu ajoelhei-me. Ordenou-me que pusesse as mãos atrás das costas agarradas uma à outra e *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto alguém conseguiu algemar-me as mãos. Eu estava com as mãos algemadas. Conseguia sentir as algemas, sem nunca ter sido algemado. Depressa apareceu-me a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari à cabeça. Mas estava ali o meu namorado. Estava ali com o meu namorado. E não me podia esquecer que aquilo não passava de uma brincadeira. Eu tão-só teria que aderir à brincadeira. A

minha adesão seria agora a chave, para me desalgemar daquela brincadeira tecnológica que se tinha transformada numa prisão tecnológica.

Começaram-me a “mandar” chapadas sem me magoar na cara. Mandavam-me as chapadas ao mesmo tempo que me davam festas e esfregavam as mãos na barba. Deixei-me estar. Estava para ali algemado e vendado.

Ouvi o “zip” das breguilhas e o barulho dos cintos. Voltou-me a vir a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari à cabeça. Mas estava ali o meu namorado. Não podia acontecer nada de mal senão uma brincadeira. E acreditei na natureza inocente dessa brincadeira, estivesse ela a ser filmada ou não, fosse ela tecnológica ou não.

E voltaram a enfiar as axilas no meu nariz ao mesmo tempo que me iam “mandando as chapadas” e me iam puxando o cabelo por trás quebrando-me delicadamente pela nuca.

“Está na hora! Temos que entrar.” disse um dos cavaleiros.

Um dos cavaleiros deu-me a mão, puxando-me para cima, vindo logo outro cavaleiro também, dando-me a mão do outro lado. E foi assim que entrei no túnel com eles, de mãos dadas. Andámos cerca de 250 metros e finalmente tiraram-me a venda e as algemas. Havia uma nascente que fazia correr água em cascata, duas mesas retangulares compridas em “L”, três sofás em “U”, três camas *king size* em “Z” e 11 candeeiros de petróleo acesos. Perguntaram-me se eu sabia qual é que era a chave da “nossa” malta de cavaleiros tecnológicos e eu respondi interrogativamente se seria “luz”.

O meu padrinho lançou-me um isqueiro para as mãos que “dizia” “luz” e atribuiu-me o candeeiro que estava sem luz, oferecendo-me o privilégio de o acender “agora” com “a minha luz”.

“Está na hora! Temos que começar.” disse um dos cavaleiros.

“Quem é que faz a sopa?”

“Eu faço.”

“Quem é que faz os filtros?”

“Os filtros? Mas vamos fazer quantos?”

“Uns três ou quatro, para estar sempre a girar...”

“Vão fazer sopa?” perguntei inocentemente.

Todos os cavaleiros riram-se da minha inocência.

“Vamos fazer uma sopinha para ti para ver se gostas, mas é uma sopinha com uns ingredientes especiais...” respondeu-me um deles.

“Que ingredientes especiais são esses e que sopa é essa?”

“É uma sopa para rir...”

“Para rir? Só se drogarem a sopa...”

“Quando perguntamos quem é que vai fazer a sopa, estamos a perguntar quem é que vai misturar o tabaco com a erva ou quem é que vai derreter ou desfazer o pólen ou a bolota para misturar com o tabaco...”

“Ah! Vão fazer charros...” conclui.

Estávamos os 12 sentados nos sofás, eu ao colo do Hugo e outros dois cavaleiros ao colo de outros cavaleiros. Um dos cavaleiros ficou muito indignado por eu estar no último ano da faculdade e nunca ter experimentado fumar um charro. Mas a indignação dele deu lugar a uma insistente insistência. Ele insistia que eu tinha que experimentar e que não poderia “morrer burro”.

“Burro seria se eu experimentasse tudo aquilo que eu sei que faz mal.” respondi-lhe.

“Isto, uma vez ou outra, não faz mal a ninguém.”

“Depende. Pode não fazer mal a ti, mas pode fazer mal a mim.”

“Então tens que experimentar, para ver se te faz mal ou não. Se gostas ou não. Tens que experimentar para saberes se gostas. Só experimentando, é que podes depois falar. Não se pode falar à toa de uma coisa que nunca se experimentou.”

“Desculpa, mas o que estás para aí a dizer é um grande disparate! Tu não tens que experimentar tudo. O

corpo humano tem um limite. É importante conheceres o limite do corpo humano. Não vale a pena podes-te a 200 km/h se sabes que se bateres a essa velocidade, por causa do embate, vais morrer. Há um limite físico do corpo humano. E há também um limite químico do corpo humano. Qualquer substância psicótica interfere quimicamente com a orgânica do cérebro. Sem fumar essa droga, eu sei que se fumar essa droga, essa droga, vai interferir com a minha mente.”

“Só vai interferir com a tua mente se quiseres, se deixares ou se fores fraco... Esta pode ser uma prova a ti mesmo.”

“Mas prova de quê? Há um limite químico do corpo humano.” repeti, “E a mente faz parte do corpo humano.”

Em cada insistente convite para fumar a droga eu resistia e cada vez que eu resistia à droga, ouvia o Hugo a suspirar. Parecia que estava com uma “camada de nervos”. Parecia que se passava por cada resposta minha que ouvia. Gozava com tudo aquilo que eu dizia. E concordava sempre num cronometrado “exatamente”, que num perfeito coro realizava com os outros

cavaleiros à voz do cavaleiro que insistia para que eu fumasse.

Obviamente que não ia tomar aquela droga com eles. A minha prova de amor não era resistir à orgia drogada, àquela orgia manipulada, montada com droga, mas sim, não tomar aquela droga. Não tomar a droga é que era a minha maior prova de amor.

“Mas tens medo do quê? O que é que achas que vai acontecer? Vamos começar todos a comer-nos? Achas?” perguntava-me o Hugo.

“Eu não acho nada.” respondia-lhe.

“Ou vais dizer que não pensaste nisso?” perguntava-me atrevidamente um dos cavaleiros num libidinoso olhar.

“Vou!”

“Eu consigo ler pensamentos...”

“É melhor pensares que lês os pensamentos dos outros do que pensares que os outros leem os teus pensamentos...”

“Porquê?”

“Porque senão, poderia ser um traçozinho teu qualquer de esquizofrenia... Talvez, antes de continuares a tomar essas drogas, fosse importante consultares o teu “limite químico”...”

“Estás a estragar tudo!” disse-me primeiro diretamente o cavaleiro, “O teu namorado está a estragar tudo!” falando depois diretamente para o Hugo, como se estivesse a reivindicar algo.

“Eu estava cheio de tusa e já não estou...” disse outro cavaleiro.

“Ya... Eu também estava cheio de tusa e já não estou...” disse outro cavaleiro.

“Também perdi a tusa com esta conversa toda...” disse outro cavaleiro.

“Ya... Eu também já estou a perder a tusa...” disse outro cavaleiro.

“Se calhar, não devias ter trazido o teu namorado...” disse outro cavaleiro.

“Ele vai fumar connosco!” respondeu-lhes o Hugo.

“Não! Não vou!” respondi, “Vou ficar é a ver-vos a fumar!”

“Vais fumar!”

“Não vou, Hugo!”

“Vais, Arthur!”

“Não!”

“Mas tens que fumar!”

“Não tenho que fumar nada!”

“Tens! Não me estás a ouvir?”

“Não vou fumar!”

“Vais fumar! Vais ter que fumar!”

“Eu não vou fumar, Hugo!”

“Vais fumar, vais! Todos estão a fumar, também vais ter que fumar!”

“Eu não vou fumar! Fuma tu com eles! Eu não fumo!”

“Aqui toda a gente fuma, por isso vais ter que fumar!”

“Eu já te disse que não vou fumar!”

“Mas vais ter que fumar! Podes dizer o que que quiseres, mas vais fazer aquilo que eu te estou a dizer para fazeres!”

“Que raio de conversa é essa Hugo?”

“Estás a faltar-me ao respeito à frente deles, porquê Arthur? Eu sou o teu namorado!”

“Nem pareces meu namorado...”

“Toma! Fuma! Pega nisso! Pega! Pega no charro ou enfio-te pela boca...”

“Ele quer é que tu lhe enfies pela boca, Hugo... Mas não é o charro... É a pila...”

“A pila não... As pilas...”

“A minha pila parece que ressuscitou...”

“A minha pila também ouviu falar em pilas e ressuscitou logo...”

“Isto parece a ressurreição das pilas...”

“Mas então o teu namorado fuma isso ou não, Hugo? Eu já estou outra vez cheio de tusa também...”

“Fuma isso, Arthur!” insistia Hugo.

“Ó Arthur, dá-lhe só um bafinho... Vais gostar...”

“Tu estás a ver-nos a todos em tronco nu, depois de fumares vais ver-nos a todos não é só de tronco nu... Mas tens que fumar, é melhor obedeceres ao cavaleiro alfa... O cavaleiro alfa é quem manda aqui... E eu já não estou a dizer coisa com coisa... Mas ya... Fuma... Mas despacha-te a fumar isso, que a malta toda já fumou...”

“Se tu já estás a gostar de nos veres em tronco nu, que não digas que não estás, porque estás... Imagina só depois de fumares e veres-nos todos nus... Mas é todos nus sem tirar as roupas... Vai ser magia... Vai ser uma magia que tu vais ver... Mas para veres a magia, tens que fumar... Nós só queremos mostrar-te a magia das coisas...”

“Arthur fuma! Já me estou a passar contigo!” dizia-me Hugo agressivamente.

“Eu já lhe tinha mandado uma! Mas era mesmo aqui... Sem droga ou com droga... Com magia ou sem magia... Com tecnologia ou sem tecnologia... Mas com droga nos cornos dói menos, ya...”

“Com droga nem dói e vai fazer todo o sentido.”

“Quando fumares... Vais ver que tudo vai fazer sentido... Agora podes não estar a perceber... Mas se fumares, vai tudo encaixar-se como um puzzle... Acredita em nós... Nós também éramos como tu... Mas depois vimos a verdade... E nós só queremos que tu vejas a verdade... Ninguém está aqui para te fazer mal... Estás aqui com o teu namorado e com os amigos do teu namorado... Ninguém está aqui para te fazer mal...”

“Muito pelo contrário... Nós estamos aqui é para te dar colo, para te dar guarda, para te defendermos as costas... Somos cavaleiros...”

“Nós só queremos é dar-te o sentido da vida... Abrir-te caminhos no cérebro... Novos caminhos...”

“A minha pila vai te dar outro sentido à vida...”

“Como é que tu permites isto Hugo?”

“Eles estão só a brincar contigo, Arthur! Ainda não percebeste? Eles só querem mexer com a tua mente... Só te querem pôr à prova... E em prova do nosso amor, por favor, fuma isto, estou-te a pedir... É a maior prova de amor que me podes dar!... Vais

perceber “o porquê” depois de fumar! Eu juro! Mas para isso, tens que fumar, por isso fuma... Por favor, Arthur... Eu amo-te!”

“A maior prova de amor que eu posso dar-te Hugo, é não pegar nessa droga. E como tal, eu não vou pegar. Não vou fumar nada.”

“Já me estou a passar, Arthur! Tens que fumar, ainda não percebeste? Se não fumares, eu acabo tudo!”

“Mas antes de acabares com o teu namorado, deixa-me primeiro enfiar-lhe a pila na boca... Já que não consegues enfiar-lhe o charro na boca...”

Assim que me levantei todos os cavaleiros levantaram-se. Vi que havia 5 corredores. Tinha vindo vendado, não sabia qual dos corredores haveria de me levar à saída. Intuitivamente escolhi um. Mandei uma corrida e eles vieram todos atrás de mim a correr.

“Tu não podes sair do túnel assim. Disseste que fumavas, vais ter que fumar...” dizia ofegantemente o Hugo em passo de corrida atrás de mim.

Quando vi a luz ao fundo do túnel, vi um drone a sobrevoar a saída e dois “seguranças” novíssimos e giríssimos, musculados, de fato e gravata e auriculares. Será que aquele drone estaria pronto para entrar pelo túnel, assim que recebesse uma ordem de um dos cavaleiros tecnológicos a dizer que o culto orgiástico tinha sido iniciado? Faria isto parte de um filme? Seria isto um filme que o drone iria filmar? Onde é que estava o meu contrato? Eu não tinha assinado contrato nenhum!

“Amor... Eu amo-te! Confia em mim... Não vais conseguir sair... O drone tem uma metralhadora. Para teu bem, participa naturalmente na cena... Confia em mim... Eu amo-te! Eu era incapaz de te fazer mal, tu sabes! Incapaz mesmo!... Mas tive que fazer ali o meu teatro. Eu sei que tu és inteligente... E sei que percebes as coisas... Só não quero que tenhas medo... Eu estou nisto contigo... Só preciso que acredites em mim! Sou tão inocente como tu! Se fizermos tudo naturalmente, vamos conseguir sair daqui ilesos, confia em mim!... Esquece tudo agora! Eu amo-te!”

E em cada palavra saída pela boca sensual daquele gatesco felídeo que numa estrondosa agilidade conseguia apertar-me o coração de medo e puxar-me para as esgarras e negrumes dele, eu já sentia os leões a aproximarem-se e a comerem-me vivo. Sentia os leões a comerem-me as costelas, a comerem-me os testículos. Sentia 3 leões a devorarem-me ao mesmo tempo. Sentia-os: um punha-me a sua patorra sobre a garganta, enquanto outro mordia-me a garganta e outro esfrangalhava-me e espatifava-me o rabo todo. E eu via o meu revirar de olhos, enquanto os ouvia a competirem sobre a minha carne. Foi isto que eu vi naquela corrida deles para mim e foi isto que eu não quis.

Os cavaleiros tecnológicos

“Que procuras?”

“Conhecer real e logo se vê e tu?”

“Só estou interessado em *fun*, queres?”

“Ya... És passivo ou ativo?” perguntei.

“Sou *atr.* E tu, és *pass?*”

“Sim, sou *pass.*”

“E tens sítio agora?”

“Sim.”

“Envia também fotografias de corpo.”

“Não tenho nem envio fotografias íntimas.”

“Ok, podes agora?”

“Sim.”

“Envia localização, dá para entrar em tua casa de drone?”

“Sim, dá...”

“Tens algum holograma para projetares numa das janelas, quando eu estiver a chegar, para eu entrar pela janela? Curto entrar pela janela de drone e começar logo a cena...”

“Sim. Dá-me o teu número, vou sair aqui da aplicação e envio-te a localização por mensagem.”

Tinha uma outra aplicação, para além da *aplicação* onde conhecia os cavaleiros tecnológicos, em que eu inseria o número e cruzava logo o número com o perfil oficial virtual. Pedia sempre os números deles para ter a certeza que estava a falar com os cavaleiros e não com perfis falsos deles. Para ter a certeza que eram mesmo eles. Conhecia o apelido deste cavaleiro tecnológico que estava a chegar de drone, era um dos apelidos mais conhecidos e mais sonantes da cidade. Conhecer o apelido dele, tornava “a cena” mais familiar e, por isso, não tinha receio nenhum de lhe dar a minha localização, deixando-o entrar de drone pela janela do meu quarto. Era da mesma equipa de horseball dos outros cavaleiros com quem eu já tinha estado. Faltava este cavaleiro para eu poder dizer que tinha “rodado” uma equipa inteira de horseball. Eles eram todos giros, mas este, por acaso, era o mais giro e eu já tinha tido um fraquinho por ele.

Quando tive o fraquinho por ele, não fazia ideia que ele fosse gay. E ninguém sabia que ele era gay senão quem estivesse e o conseguisse apanhar na *aplicação*.

Antes de ter apanhado o Luís na *aplicação*, tinha apanhado o Manel Toiros. O Manel Toiros também tinha sido um dos cavaleiros que mais tinha mexido comigo durante todo o liceu, mas durante todo o liceu, o Manel Toiros só andava com miúdas e gozava com os gays chamando-os paneiros e dizendo que a *paneiragem* tinha que acabar, porque Deus não gostava dos paneiros. E dizia aquilo, mas olhava-me sempre de uma forma muito especial. E por causa desse olhar, que ele estabelecia comigo, eu sabia desde sempre que ele também era um “paneiro” como eu, como ele dizia. Assim que recebi as fotografias dele, enviei logo as minhas.

“Arthur?” perguntou-me o Manel na *aplicação*.

“Manel?”

“Cabrão! Também andas aqui?”

“Também ando aqui...”

“E o que é que andas aqui a fazer?”

“Andava aqui à tua procura...”

“És *pass* ou *atv*?”

“Não achas que há coisas mais interessantes que podemos falar sem ser a nossa posição sexual favorita?”

“Tipo o quê?”

“Não sei... Mas podemos ir beber uma cerveja a algum sítio...”

“Eu só procuro *fun*! Tenho namorada! Tu não és assumido, pois não? Não curto gajos assumidos.”

“E a tua namorada sabe que estás aqui?”

“Achava que eras um gajo bacano e que querias mamar-me. Mas já vi que não. Fica bem.”

E bloqueou-me.

Antes de ter sido bloqueado pelo Manel na *aplicação*, tinha apanhado o Tomás Bravo. O Tomás Bravo tinha entrado na minha mente e no meu coração

no meu primeiro dia de aulas da faculdade. Nós não parávamos de olhar e sorrir um para o outro no auditório. No intervalo, tentei falar com ele e apareceu um rapaz que se meteu aos beijos com ele. E tive que grammar os olhares e sorrisos que ele me fazia e depois vê-lo aos beijos com o namorado. Quando ele acabou com o namorado dele, veio logo procurar-me; mas eu já estava com o Hugo e claro que não lhe liguei nenhuma. O Tomás Bravo era considerado, pelos placards que se afixavam em hologramas espalhados por toda a faculdade, como o cavaleiro mais *hot* da faculdade; ele jogava horseball pela equipa da faculdade. Mas eu já tinha o meu cavaleiro. E o meu cavaleiro era o Hugo. O Tomás Bravo até poderia ser o cavaleiro mais hot de toda a galáxia, que eu já tinha o meu cavaleiro. Mas quando acabei com o Hugo, voltei para a *aplicação* e apanhei lá o Tomás Bravo.

“Hey!”

“Hey!”

“Então, caíste do cavalo do teu namorado? Eu não te deixava cair...” perguntou-me o Tomás.

“Mas deixaste cair o teu namorado...”

“Eu não o deixei cair... Ele não está cá...”

“Não está cá?”

“Sim... Foi passar o fim-de-semana fora ao estrangeiro...”

“Mas acabaram?”

“Népia...”

“E porque estás a traí-lo?”

“Não estou a trair ninguém...”

“Se tens namorado e estás nesta *aplicação*, estás a trair!”

“Népia... Nós temos uma relação aberta...”

“Uma relação aberta?”

“Sim, porquê? Vês mal nisso?”

“Eu vejo... Mas não sou eu que tenho que ver nada... A relação é vossa...”

“Ya... É a nossa cena... Como é? Vens à minha casa ou vou eu à tua?”

“Não estou interessado! Abraço”

“Não estás interessado como?”

“Não estou interessado em estar contigo se tens namorado.”

“Mas não me achas giro?”

“Não interessa. Tens namorado e não estou mais interessado em falar contigo.”

“Mas eu já te disse que nós temos uma relação aberta, portanto não há mal nenhum em estarmos juntos.”

O Tomás Bravo enviou-me fotografias dele em tronco nu e do pénis dele na *aplicação*.

“Então, vens à minha casa ou vou eu à tua? Eu tenho carro voador, posso ir ter contigo onde quiseres e irmos *foder* em cima das nuvens. Já *fodeste* alguma vez nas nuvens? Comigo, vais às nuvens, se quiseres...”

Bloqueei-o.

Tive pena de bloquear o Tomás e ter sido bloqueado pelo Manel. Tive pena de saber que eles objetificavam as relações e faziam das relações autênticos passatempos. Era estranho ter tido fraquinhos por eles, ter pensado neles durante uma boa parte da minha vida, imaginando-os como bons namorados e como bons cavaleiros, desenhado uma esfera de legítimos sonhos com eles à volta deles e afinal eles serem tão ocos, tão fúteis e tão sexuais. Sabia que mais de metade dos cavaleiros que estavam na *aplicação* procuravam só sexo, mas também sabia que muitos cavaleiros que estavam na *aplicação* e que inicialmente procuravam só sexo, depois quando vinham ter comigo acabavam por ficar a namorar comigo, nem que fosse um mês, uma semana ou um dia, mas ao menos faziam de mim um romance e não uma noite grotesca de sexo.

E como eu achava mesmo que tinha poderes especiais e que os rapazes quando me vissem em carne e osso e estivessem comigo de corpo e alma esquecessem logo o *fun* deles, eu tinha dito ao Luís que alinhava naquele *fun* com ele, mas não ia alinhar coisa nenhuma. Só queria vê-lo a entrar de drone pelo meu quarto e queria que ele ouvisse a minha voz, visse o meu coração, visse a paixão que eu tinha por ele. Acreditava

que se ele visse isso tudo com os olhos dele, que eu adorava, ele poderia também apaixonar-se por mim.

Eu queria conversar com ele. Perguntei-lhe se ele queria beber cerveja ou vinho. Queria ir buscar morangos e uvas, queria pôr uma boa música a tocar, mas ele interrompeu todo o meu romantismo e disse logo que queria era *foder*.

“Anda cá!” puxou-me o Luís para o colo dele, dando-me duas palmadas, interrompendo eu com a minha mão, a terceira palmada que ele ainda me queria dar.

“Eu tenho vinho, podemos abrir uma garrafa. Tenho morangos e uvas... Ou preferes cerveja?”

“Queria tanto era bombar nesse *cú*.”

“Vou buscar os morangos e as uvas...”

“Deixa-te estar... Não é preciso ires buscar nada... Eu quero é bombar esse *cú*...”

“Aceitas uma cerveja?”

“Ó puto!... Fizeste-me vir a voar *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto, para aqui para nada? Queres *foder* ou não?”

“Não quero! Queria conhecer-te... Sempre tive um fraquinho por ti... Eu lembro-me de te ver a jogar...”

“Ó puto... Ya... Eu também me lembro de te ver lá nas bancadas a torcer por todos os teus namoraditos e também me lembro de te ver a mamar em todos eles e também me lembro de te ouvir a gemer quando eles te iam ao *cú*...”

“O quê?”

“Ó puto... Todos os teus namorados gravaram-te e filmaram-te, enquanto tu lhes mamavas de olhos fechados e enviavam para o grupo da equipa, ou achas que rodaste a equipa toda, por acaso? Ou achas que estou aqui, por acaso? Mandavam-te fechar os olhos e tu fechavas e filmavam-te enquanto os mamavas de olhos fechados e eles diziam que te amavam a rirem-se na tua cara e tu acreditavas neles...”

“Estás aqui porque falámos na *aplicação*.”

“Nós somos cavaleiros tecnológicos. Ainda não percebeste, ou queres que te faça um desenho? Nós só estamos aqui para te gravar o coração e a alma. Só estamos aqui para gravarmos cada gemido teu. Os teus gemidos são nossos, pertencem-nos, porque somos nós que te fazemos gemer. Como é que é? Queres gemer forte ou não? Eu ponho-te a gemer num instante...”

“Podes te ir embora, por favor?”

“Não vale a pena estares a chorar, ninguém está aqui para te fazer mal, a malta só está aqui para se divertir um bocado... Ou não sabes que eu vim para *fun*? É que tu nem lês os contratos... Não lês os perfis... No meu perfil diz lá em grandes letras “*just fun*”... Para que é que vieste meter-te afinal comigo? Falámos e eu disse-te logo o que é que eu pretendia e tu mesmo assim quiseste e estou agora aqui no teu quarto... Já percebeste ou não? Eu estou aqui para a diversão... Só estou aqui “por diversão”... Queres divertir-te ou não? Eu acho que precisas de te divertir um bocado... Estás muito tenso, anda cá...”

“Vai-te embora ou chamo a Polícia Tecnológica.”

“Tu deves achar que estás no 2080 de Antoine Canary-Wharf. Aqui não há Polícia Tecnológica nenhuma que te salve da nossa tecnologia. Estás preso

para sempre aos nossos algoritmos. Nós somos os teus algoritmos. Sabemos que somos os teus algoritmos. Prenderam-te para sempre à tecnologia dos cavaleiros tecnológicos. Nós somos a tua tecnologia. Somos os teus cavaleiros tecnológicos.”

“Ou te vais embora ou vou buscar um martelo e espatifo o teu drone.”

“Fazes isso e eu depois *fodo-te*.”

“Ou te vais embora ou vou buscar dois martelos, um para te espatifar o drone e outro para te partir o pênis ao meio e depois quero ver como é que me *fodes*.”

“Ao Henri querias partir-lhe a cara e o vidro do carro, a mim queres-me partir a peça e o drone... Tu és muito agressivo... Ofereces logo porrada e tal... Aqui ninguém te quer dar porrada... Queremos é dar-te esporrada na cara, na boca e nu *cú*... Porque é que ao invés de ofereceres porrada não ofereces o teu *cú*? Isso é que nos devias oferecer...”

“Tu deves ser algum esquizofrénico ou chanfrado para falares sempre na primeira pessoa do plural... Vai-te embora, por favor!”

“Esquizofrénico vais ficar tu com a nossa tecnologia se não a aceites de uma vez por todas.”

“Mas aceitar o quê?”

“Que estás dentro de um filme e que nós somos os cavaleiros tecnológicos para te darmos colo, costas, colchão e comida... Nós somos a tua guarida!”

“Mas nós quem???? Sai da minha casa! Pareces um esquizofrénico a falar! Vai te tratar! Baza!”

“Ontem não estiveste com o Jorge?”

“Não tens nada que ver com isso!”

“Estiveste com o Jorge. E não sabias que o Jorge namorava com a Maria?”

“Eu só conhecia o Jorge de vista e não fazia ideia que ele namorava com uma Maria...”

“Queres ouvir?”

“Eu não quero ouvir nada, quero é que te vás embora. Estás-me a assustar em cada segundo.”

“Mas eu não te quero assustar. Só quero que vejas a verdade divertidamente. Se vires a verdade com diversão, vais gostar de ver a verdade. Se te puseres a

chorar e a querer pôr amor nas coisas que não existem, vais acabar por ficar a chorar. Ninguém te quer ver a chorar. Tu a chorar não rendes nada. Tu rendes é a gemer. Rendes é a gemer connosco. Nós queremos-te connosco. Aliás, tu estás connosco... Tu é que ainda não percebeste, que és um de nós.”

“Mas qual nós? Mas render o quê? Eu não percebo patavina do que dizes. Estás só a falar em código, eu não percebo nada do teu código!”

“Tu também és um cavaleiro tecnológico, sabes muito bem o que eu estou a dizer. Tu também podes ser um cavaleiro tecnológico, sabes muito bem que o podes ser. Sabes quanto é que um gemido teu está a render no mercado de dados?”

“Eu não estou em nenhum mercado de dados! Se tu estás, bom para ti, agora vai-te embora!”

“Quero que oiças esta gravação, depois eu vou-me embora se me deixares ir embora... Porque depois da gravação, podes querer que eu não me vá embora e pode ser que eu também não me queira ir embora...”

«— Oh puto, olha aí a conversa! Eu não sou gay! Achas mesmo que eu sou gay? Eu só lhe pus a pila na boca e pronto! Nem sequer lhe toquei! Nem sequer lhe beijei! Acham? Que nojo! Aquilo para mim foi estar a bater uma. Pus-lhe a pila na boca, ele ficou entretido e eu fiquei ali consolado a jogar... Para mim, eu não traí a Maria. Isto não é trair... Eu estava só ali a jogar...

— Oh puto, cala-te! Enquanto o Arthur te estava a mamar tu estavas a jogar?

— Ya...

— E o gajo via-te a jogar e continuava naquilo?

— Ya... O gajo queria era mamar, então eu dei-lhe de mamar...

— Ó Jorge, *fodasse*... Que falta de respeito... O gajo ali a mamar-te, a esforçar-se todo e tu todo patrão ali a jogar...? Ao menos fazias-lhe umas festinhas na cabeça... [risos]

— *Fodasse*, ó Jorge, não me digas que nem umas festinhas lhe fizeste... [risos]

— Pelo menos, fazias-lhe uma ou outra festa... [risos]

— As festas não estavam no contrato... No contrato só estava “dar de mamar” e filmar...

— E filmaste?

— Claro, já vos mostro... Tenho aqui... Vocês já vão ver o Arthurzinho a levar com leitinho... Ele gosta de leitinho, gosta de levar com leitinho na boca, gosta de engolir e sentir o leitinho quente na boca a escorrer-lhe dentro da garganta e eu gosto muito de me vir, gosto de me vir muito, gosto de dar leitinho e gosto, já agora, de ver a engolirem o meu leitinho, é ou não é? Quem é que não gosta de ver?

— Um gajo gosta sempre de ver a mamarem-lhe!

— Ah, fodasse! É ou não é? Claro!... Agora não me chamem gay, por isso...

— Um gajo gosta sempre que lhe façam um biquinho...

— Ah, pois não! *Fodasse*... E tenho que admitir... O Arthur parece que nasceu para mamar... Juro... Mama melhor que a Maria! [risos]

— Se ele gosta de mamar, então que mame aqui! [risos]

— Não... Se o Arthur mama melhor que a Maria do Jorge... Então que mame, mas é aqui... [risos]

— Ó Arthur! Estás-nos a ouvir? Vem mamar aqui! Toma! Mama aqui Arthur!

— Mama-me, Arthur! Sou todo teu!

— *Fodasse...* O gajo que ponha aqui outra vez a boquinha dele que eu encho-a de leitinho... Agarro-lhe pela nuca e pelos cabelos e zás... Enfio-lhe a pila toda na boca... Ya, desta vez... Faço-lhe umas festinhas na nuca...

— Ah... Assim está bem ó Jorge... Assim se fores tão querido até eu te mamo... [risos]

— Ontem era o gajo já todo engasgado e eu: “Toma, caralho! Não gostas de leite? Não querias leite? Então, vá! Agora vais engasgar-te todo com o meu leite!” [risos]»

“Já ouvi que chegue, Luís. Podes parar a gravação.”

“Já viste o *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak? O Jaime no *Target – A Pegada Digital* está dentro de uma aplicação. Tu aqui estás dentro de um filme, és um cavaleiro tecnológico, e nós, como cavaleiros tecnológicos, temos que perseguir o *target* de todos com quem tu te envolves... Envolveste-te ontem com este Jorge e nós, cavaleiros tecnológicos como somos, perseguimos tecnologicamente o rastro do Jorge. E perseguimos todos à tua volta. Mas perseguimos-te para te protegermos.”

“Eu não preciso da vossa proteção, obrigado! Agora vai-te embora!”

“Percebo que precisas de algum tempo para descansar e para refletir em tudo e compreenderes o que se está a passar à tua volta... É normal... Mas o que se está a passar, foi o que sempre se passou... Há uma história por detrás e toda essa história tem uma sequência e se pensares bem e ligares todos os pontos vais ver que faz todo o sentido... Se quiseres, podes ir agora buscar o vinho ou umas cervejas... Mas traz para todos, sê mais bem-educado... Tenta não ser rude, desta vez...”

E entraram 4 drones pelo meu quarto, cada um deles com 2 cavaleiros dentro do drone. De um dos drones saiu o Manel Toiros e o Tomás Bravo. Cercaram-me numa roda e começaram-se a despír à minha frente. Antes de eu gritar por socorro, o Manel Toiros já se tinha posto por detrás de mim, e já me tinha tapado a boca com as suas masculinas e bonitas mãos, sufocando-me sensualmente o pescoço com os seus braços musculados. O Tomás Bravo já me tinha aberto a camisa, partindo-me os botões e já me tinha agarrado pelas pernas, de frente para mim encavalitando-me nele. Eu estava preso ao corpo do Manel e do Tomás. Por detrás de mim estava o rapaz que me tinha feito masturbar o liceu inteiro e à minha frente estava o rapaz que me tinha feito enamorar quase toda a faculdade. E estavam ali os dois despídos para mim. Eu conseguia sentir a ereção dos dois. Conseguia sentir o pénis ereto do Manel nas minhas nádegas e sentir o pénis ereto do Tomás também nas minhas nádegas. Parecia que estava a ser duplamente penetrado por eles, com um por detrás e outro pela frente. E eu não tinha ereção nenhuma naquilo. Via aquilo demoníaco. E eu perguntava-me a mim próprio, como é que eles me tinham dado tanta tusa e agora me davam tanta repugnância. Mas eu estava ali sem tesão nenhuma naquilo, porque não via tesão nenhuma naquilo, mas ao

mesmo tempo estava com medo de ficar ereto ali à frente deles. Estava com medo de aquele clima demoníaco começar a apoderar-se de mim e também eu me tornar num demónio como eles. Parecia mesmo que estava no meio de demónios. E às tantas, já não parecia nada. Tinha a certeza que eu estava no meio de demónios.

E aquilo converteu-se num verdadeiro teste. Eu próprio fiz daquilo um teste a mim próprio. Testei-me. Vi ali mesmo, afinal, que algoritmos tinha inscritos em mim. Eu não precisava daquele teste para nada, porque conhecia-me. Sabia quem eu era. E conhecia o meu corpo. Sabia que tinha pontos fracos no meu corpo e via-os a irem exatamente aos meus pontos fracos da forma como não o podiam ir. Comigo preso de movimentos começaram a mexer-me nos mamilos, a meterem a saliva deles nos meus mamilos, a passarem a língua deles nos meus mamilos. Eles eram os meus algoritmos, todos eles já me tinham feito pensar neles. Já me tinha imaginado com eles, mil e uma vezes e agora tinha-os ali para tornar reais todas as minhas fantasias. Mas aquele filme, aquela fantasia não era minha. Porque eu nunca os tinha querido a todos ao mesmo tempo. Quis um de cada vez. Nem nunca tinha

pensado neles ao mesmo tempo. Pensei só num. Imaginei-me só com um. Fiz deles meus namorados. Imaginei-me namorado deles. Mas namorei-lhes com a minha imaginação, sempre um de cada vez.

“O que é que te instalaram aqui nas maminhas?”

“Que tecnologia é que te instalaram aqui...?”

“Isto agora com as novas tecnologias...”

“Ih! Ó puto!... Não digas isso ao gajo...”

“Ya... Não digas isso... Ainda vai pensar que está num filme pornográfico tecnológico e que o dono do corpo dele, mandou implementar-lhe alguma merda nos mamilos...”

“Olha aí puto... Não digas isso que o gajo ainda fica todo paranoico com uma *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari...”

“Sim... Não lhe falem em tecnologias... Eu já lhe disse que ele está dentro de um filme, por isso ele já sabe que está num filme...”

“Ele ainda não percebeu é que está num filme de terror e tem que deixar-se comer vivo, para não o comeremos morto.”

Faziam evocações demoníacas, riam-se, reviravam os olhos, agarravam nos pénis deles e sacudiam-nos e roçavam-nos no meu corpo e voltavam-se a rir e deitavam a língua para fora e voltavam a revirar os olhos ao mesmo tempo que deitavam a língua para fora. Pareciam espíritos. Retiravam-se assim da realidade. Retiravam-me assim do meu corpo. Eu parecia que já não tinha corpo. Aquilo não parecia realidade. Já não sabia se não estava mesmo dentro de um filme filmado em tempo real, mas filmado através dos olhos deles, se eles tinham as *lentes-cinema* de 2080, de Antoine Canary-Wharf, metidas nos olhos; se haveria alguma indústria por detrás daqueles olhos tão tecnológicos deles. Estava completamente confuso. Eu estava em minha casa, no meu quarto, mas não parecia que estava na minha casa, nem no meu quarto. Montaram um cenário cinematográfico no meu quarto? Mas com que autorização? Com que contrato? Com que assinatura minha? Com uma assinatura minha espiritual? Com uma assinatura biométrica minha? Mas que raio de contrato tecnológico-espiritual era este?

“Pois é, Arthur... O Demónio tem muitas cabeças...”

“Muitas cabecinhas, não é?...”

“Escreveste muita coisa sobre nós... Lembraste?”

“Ele lembra-se... Ele sabe que andou a escrever muita coisa sobre o Demónio...”

“Pois é, Arthur... Nós somos o Demónio... O Demónio está em nós...”

“E tu gostas muito de te deitar na caminha com o Demónio com as suas 9 cabeças...”

“Não gostas?”

“Gosta, gosta... Claro que ele gosta... Todos gostamos... Porque haveria ele de não gostar?”

“Somos 9... Um de nós é a cabeça... Os outros 8 são os braços... Que afinal também são cabeças... Olha aqui... 9 cabecinhas para ti...”

“E tu tens que abrir a boquinha para as 9 cabeças...”

“Ah, pois... Vais ter que abrir a boquinha para as 9 cabeças, se não queres levar 9 cabeçadas das 9 cabeças...”

“Vais ter que abrir a boquinha se não queres levar 9 cabeçadas...”

“Levar 9 cabeçadas e ficar em sangue...”

“Mas aqui ninguém vai ficar em sangue, que ele vai beber o nosso leitinho todo... Não vai?”

“Claro que vai... Vai ficar com o gostinho na boca do nosso leitinho...”

“Mas se não quiseres ficar com o gostinho na boca do nosso leitinho, ninguém te obriga...”

“Sim... Se preferires levar as 9 cabeçadas e ficares com o gostinho a sangue na boca, é sangue que nós te damos... Nós damos-te aquilo que tu mandares... Ou damos-te leite ou sangue...”

“Mas ele sabe... Não era preciso estarmos a dizer isto... Ele é inteligente...”

“Sim, Arthur... Tu és inteligente... Sabes que tem que ser assim, não sabes?”

“Sim, sei.” respondi-lhes.

Zé Maria e Xavier

“Esta praia é nossa, o que é que estás aqui a fazer?”

“Vim apanhar uns banhos de sol... Também tenho direito ou não...?” respondi.

“Porque é que estás a pôr protetor solar se já és preto como nós?”

“Que história é essa de sermos pretos e por sermos pretos não precisarmos de pôr protetor solar? O cancro da pele ataca todas as peles. A nossa pele só consegue estar muito pouco tempo ao sol sem se lesar... E assim que eu oiço a minha pele a gritar pelo protetor, besunto-me logo de protetor solar... A minha pele comunica comigo...”

“Pareces um poeta a falar. Diz-me que romance é que andas a ler que eu também quero. Sou o Zé Maria e ele é o Xavier.”

“Adoro o nome Xavier. Sou o Arthur. Ando a ler *O Algoritmo do Amor* do Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.”

“E o meu nome não adoras “Artur”?”

“Também gosto imenso de Zé Maria... Tens que pôr um “h” entre o “t” e “u” para fazeres o som de “Arthur” e não de “Artur”. O meu nome não é “Artur”. É Arthur.”

“Ah! Gostas imenso do Zé Maria e adoras o Xavier... És panilas “Arrthúrr”?”

“Dou assim tanta cana?”

“Népia... Mas vê-se logo que és *panila*...”

“Tenho ar de *panila*?”

“Népia... Mas nós sabemos... Conseguimos ver! Somos ciganos...”

“Nunca namorei com um cigano...”

“E queres namorar com dois? Tem é que ser com os dois, que nós gostamos de partilhar tudo...”

“Oh... Já tenho namorado...”

“Ficas com mais dois...”

“Eu só tenho olhos para o meu namorado...”

“Então e onde é que está o teu namorado?”

“Está nos treinos de horseball, vai ter jogo no domingo.”

“Nós também somos cavaleiros... Temos cavalos... Tens que vir montar *com agente* um dia... Tu devias era montar nos nossos cavalos *com agente*... Nós também somos cavaleiros tecnológicos... Só não jogamos é horseball... Como é que eles agora jogam horseball?! Não é com aqueles óculos de realidade virtual aumentada para apanharem a bola, senão não conseguem apanhar a bola e lançá-la?”

“Sim...”

“E eles para lançarem não têm que fazer o movimento do lançamento da bola invisível com o telefone na mão?”

“Sim...”

“Pois... Eu e o meu primo já vimos os treinos. Nós os dois somos primos. Nós também queríamos entrar no horseball, mas agora para jogarmos horseball, temos que comprar os óculos de realidade virtual aumentada e temos que ter telefone e nós não temos dinheiro para comprar esses óculos, nem temos telefone... E como é que chama aquele movimento bué fixe em que tens que apanhar a bola invisível do chão

sem te desmontares do cavalo e com o cavalo em movimento?”

“*Ramassage*... Até o *ramassage* ficou tecnológico... Eu que pensava impossível a tecnologia chegar ao horseball justamente por causa do *ramassage*... Mas a tecnologia até o *ramassage* conseguiu capturar... Se tivéssemos todos lido o *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, não se faziam *ramassages* com o telefone nem se jogava horseball com óculos de realidade virtual aumentada... Eu também não tenho esses óculos de realidade virtual aumentada...”

“O quê?? Não tens dinheiro para os comprar? Porque é que não pedes ao teu namorado? Então o teu namorado é rico e não pode comprar uns óculos de realidade virtual aumentada também para ti? Se eu fosse teu namorado e fosse rico como ele, comprava-te.”

“Tenho dinheiro. Mas não acho piada a esses óculos. Nem nunca os experimentei.”

“Então, como é assistes aos jogos e aos treinos do teu namorado sem os óculos de realidade virtual aumentada???? Ai... Estás a mentir...”

“Fico simplesmente a assistir ao meu namorado a jogar ou a treinar sem os óculos de realidade virtual aumentada. Sou o único na bancada sem os óculos.”

“Então, mas assim não vês a bola. Assim não acompanhes o jogo que o teu namorado está a fazer...”

“Não preciso. Eu gosto dele. Gosto só de o ver a montar a cavalo e vestido como cavaleiro.”

“Isso deve ser uma seca. Ficar a olhar o tempo todo para o jogo sem ver o jogo...”

“Por isso, é que vim para a praia. Ele depois no final do treino vem aí buscar-me.”

“Mas disseste-lhe que vinhas para aqui?”

“Não. Simplesmente saí do jogo.”

“Então como é que vem aqui buscar-te, se não lhe disseste onde estás?”

“Porque, se calhar, instalou-lhe o GPS no corpo, Zé Maria. Os cavaleiros tecnológicos fazem isso para saberem onde estão os namorados e as namoradas.”
interveio Xavier.

“Namoradas? Achava que eles eram todos panilas...” zoou o Zé Maria.

“Não. Muitos têm namoradas.” disse eu.

“Muitos têm namoradas, mas são na mesma panilas...” continuou o Zé Maria o zombo, “Mas então, tens instalado no corpo alguma nanotecnologia?”

“Que eu saiba não...”

“Ah! Que tu saibas... O teu namorado já te deve ter instalado alguma nanotecnologia. Os cavaleiros tecnológicos são tão tecnológicos que até têm nanotecnologia...”

“Já sei... O que vais dizer... Que os cavaleiros tecnológicos são tão tecnológicos que até têm nanotecnologia no sémen.” interrompi Zé Maria receando que ele dissesse “na esporra deles”.

“Ah! Pois... É assim que eles sabem onde tu andas sempre. Quando te esporram ficam conectados a ti. É assim que eles te instalam o GPS. Os cavaleiros tecnológicos são tão tecnológicos que a saliva está cheia de nanorobots. Por isso é que te beijam, para ficarem conectados a ti.”

“O meu namorado está fora dessas tecnologias. Não tem nanotecnologia nenhuma, nem no sémen, nem na saliva.”

“Como é que tu sabes?”

“Porque nasci com um microscópio e já examinei a saliva e o sémen dele. O meu corpo deteta logo qualquer tecnologia que tente penetrar no meu corpo.”

“Então se não tens GPS, como é que o teu namorado vai saber que estás aqui para te vir buscar?”

“Nós temos telefones. Quando ele sair do jogo há de me telefonar, quando ele quiser.”

“E se ele não telefonar?”

“Se ele não telefonar fico mais tempo aqui na praia, apanho mais sol.”

“Não precisas, já és preto como nós. O teu namorado é loiro?”

“Porque é que perguntas se ele é loiro? E já agora, porque é que dizes que ele é rico?”

“Porque para se jogar horseball virtual é preciso ter os óculos de realidade virtual aumentada que custam muito dinheiro e é preciso ter um telefone compatível com aplicação para jogar.”

“E só os telefones mais caros é que são compatíveis.” queixou-se Xavier.

“Por isso, para ele estar a jogar tem que ser rico. E depois todos os jogadores são loiros, é uma maçonaria de genes. Como é que não sabes estas coisas? Até eu sei... E ele não é meu namorado...”

“Pois não... É meu!”

“Nós também somos cavaleiros tecnológicos... Mas somos cavaleiros tecnológicos sem usarmos telefone... O teu namorado é daqueles cavaleiros que monta com o telefone, mesmo que não esteja a jogar? Que está sempre a montar com o telefone?”

“Sim... Infelizmente é desses...”

“Esses cavaleiros que montam a cavalo com os telefones, até fodem com os telefones... Não é?”

“É...”

“E o teu namorado deixa-te vires sozinho para a praia?”

“Deixa, claro!”

“Isto está cheio de predadores... Se fosses meu namorado, não vinhas para aqui sem mim... Nem andavas na rua sem mim... Ainda por cima, és todo gatão, todo bonitão...”

“Que querido, Zé Maria! Vocês os dois, tenho que dizer, que são lindos de morrer... Se eu não tivesse namorado...”

“Nós não somos ciumentos... Podes namorar connosco às escondidas, se quiseres...”

“Vou pensar nessa proposta...”

“Mas olha que eu estou a falar a sério! Juro-te que se fosses meu namorado não saias à rua sem mim! E se saíesses mamavas, *caralho!*”

“Ele está a falar a sério...”

“Acredito Xavier...”

“Nessas *merdas* sou fodido! Se tens pila em casa, não precisas de sair de casa!”

“Mas em casa não tenho uma praia como esta...”
respondi.

“Tens cara que deves foder bué...”

Não respondi ao Zé Maria.

“Estás sempre a *foder* com o teu namorado?”
insistiu Zé Maria.

“Nós não *fodemos*... Fazemos amor...”

Instalou-se uma risada... Eles riram-se, mesmo com gosto... Qualquer medo que tinha, tinha ali desaparecido! Foi como se, de repente, tivesse automaticamente pertencido desde sempre à comunidade deles.

“Ai lelo... Eles fazem amor... E também fazem bebés?”

“Não! Essa é a nossa sorte, Zé Maria...”

“Pois... Não engravidam, não é? Vocês usam preservativo?”

“Sempre.”

Menti, não usava preservativo com nenhum namorado meu. Quis mentir, porque queria passar a mensagem na importância do uso do preservativo como

meio contraceptivo e barreira de doenças sexualmente transmissíveis.

“Ah! Eu gosto é de *foder* ao natural... Não curto *foder* com borracha... Com borracha não dá pica nenhuma... Assim, com preservativo vocês nem sentem a esporra um do outro a entrar... Afinal, vocês curtem esporra ou borracha? E quando chupam um ao outro também é com borracha? Chupam a borracha? Isso deve ser o mesmo que estar a comer um gelado com o plástico... Não deve saber a nada... Mas isto digo eu que não sou panilas... Vocês é que são, vocês é que sabem como gostam mais de o fazer... Não me quero meter nisso...”

Riam-se, mas era estranho porque eu sentia a inocência na voz daquilo. Se fossem outros rapazes a dizerem aquilo eu não consentiria. Mas como eram eles a dizerem aquilo, naquela genuinidade das coisas, não soava mal. Parece que não soava mal. Não me souou mal, aquilo dito por eles. Sabia que era sem maldade. E era estranho estar a falar disto, com toda esta inocência. Porque eles eram inocentes. Não tinham maldade nenhuma. Não traziam maldade nenhuma. E eram

lindos de morrer. Tinham o tom de pele bem mais claro do que eu. Pareciam morenos só de praia. O Xavier tinha os olhos verde-garrafa com o cabelo aos caracóis com madeixas loiras. O Zé Maria tinha cabelo preto liso, lisérrimo, penteado para trás com gel e uns olhos azuis-do-mar gigantes. Pareciam modelos saídos de uma revista. E tinham os pés lindíssimos. Os pés deles convidavam-me a descansar sobre eles. E por isso, eu estava com eles perfeitamente descansado. Sentia-me seguro. Sentia-me em paz. Só queria repetir aquele momento 10 mil vezes na minha cabeça.

“E quem é que leva no rabo? És tu ou o teu namorado?” perguntou o Zé Maria.

“Eu não sou...” respondi com um tom cómico-atrevido.

Eles fartaram-se de rir.

“Ah! Então é o teu namorado é que é panilas... Tu não és... Quem leva no rabo é que é panilas...” disse o Zé Maria.

“Ah, boa! Afinal, não sou panilas...”

Sentaram-se cada um ao meu lado. O Zé Maria sacou logo a pila dele para fora e começou a abanar...

“Mostra aí a tua! Tira-a para fora, se és homem como nós...” ordenou-me Zé Maria.

Tirei. Sentia-me com 14 anos. E sentia-me bem ali com eles.

“Qual é que é maior? É a minha ou a do teu namorado?”

“É a tua.” disse-o a rir.

Menti-lhe. Não quis dizer que o pila do meu namorado era maior que a dele.

O Zé Maria inclinou-se para mim, meio deitado, apoiou-se com uma mão na areia e mandou-me duas

chapadonas na minha pila com a pila dele. Na segunda chapadona encolhi-me.

“Au!” queixei-me eu.

“Olha aí! *Aleijei-te?*”

“Sim, magoaste-me, Zé!...”

“Oh!... Desculpa se te magoei o coração...”

“Não tem piada!”

“Tem sim! Estás-te a rir...”

“Não, não estou.”

“Estás a fazer força para não te desatares a rir...
Estou a ver-te quase a desatares a rir...”

Desatei-me a rir. E eles desataram-se a rir.

E o Zé Maria deu-me um beijinho muito rápido na testa.

“Não, o coração não me magoaste... Magoaste-me, mesmo, foi na pilinha!”

E eles riam-se. O Zé Maria levantou-se, deu-me a mão em punho e fez-me subir. Abraçou-se a mim e disse-me que tinha que se ir embora.

“Como é que vocês sabem que têm que se ir embora, se não trazem relógios nos pulsos?” perguntei.

“Olhamos para o sol.” respondeu-me Xavier com um sorriso lindíssimo em que pude reparar que tinha os dentes branquinhos e direitinhos, conseguindo imaginar o hálito dele que me apaixonava e fazia bater-me o coração; “Agora é a minha vez. Mas eu não te vou *aleijar* como ele!”

“Vocês dizem aleijar, eu digo magoar. Para mim, aleijar é uma impossibilidade física. Uma perna partida ou uma perna que não mexe é uma perna aleijada. É um aleijado, coitado! Magoar, estar magoado, é uma dor temporária.”

“Eu não te parti a pila, por isso não te alejei a pila. Magoei-te foi a pilinha... Era assim que querias ouvir?”

“Era.” ri-me.

“Só os betos é que fazem essa distinção de aleijar e magoar... Sabias que és beto?”

“Não sabia...”

“Vá! Está calado Zé Maria! Agora é a minha vez, Arthur... Eu não te vou magoar como ele... Sou muito mais meiguinho que ele...”

“Tu, meiguinho? Tu *fodes* como um animal! Esse gajo é um animal a *foder*, Arthur... Não acredites no ar de inocente dele... Rebenta bocas, rebenta caras, rebenta *cús* e *esporra* tudo! É pior que eu, palavra de honra, Arthur! Este gajo está sempre a *esporrar-se!*”

“Ao menos, a minha *esporra* é doce! Não é *merda* como a tua!”

“É *merda*, o *caralho!* É mais doce que o teu *cú!*”

“Oh, então... O meu *cú* não é doce, o meu *cú* sabe a *merda*, porque sai *merda* pelo meu *cú!* Mas a minha

esporra sabe a doce!... E quem me disse isso foi a tua namorada...”

“E a minha esporra também sabe a doce, que a minha namorada também me disse!”

E eu queria participar também naquilo. Quis participar e participei.

“E a minha também é doce, olha!”

“Ai é? Então, deixa cá provar.” brincou o Zé Maria, pondo-se de joelhos à minha frente.

“Primeiro, provo eu! Sai sacana, vai para a fila que é atrás de mim!” arrancou o Xavier da minha frente, empurrando-o para o lado num bonito compasso cinematográfico.

“Não vejo fila nenhuma... Não tenho óculos de realidade virtual aumentada para ver a fila...” gozou Zé Maria.

E eles riam-se, riam-se, riam-se.

E eu riam-me com eles.

Bastian

“Hi dude!”

“Hi!”

“You’re cute!”

“Thanks man.”

“Where are you from?”

“I’m from here.”

“Are you local?”

“I’m not local. Just portuguese.”

“Então falas português...”

“Sim...”

“Sou o Bastian. Sou alemão. Mas fala português.”

“Sou o Arthur.”

“Aqueles gajos não paravam de olhar para ti no set...”

“O quê? Que gajos?!”

“Ah! Vais dizer que não reparaste?”

“Juro, que não reparei...”

“Oh! Estás a ser humilde. Eles estavam todos em cima de ti. Sempre que ias à onda, um deles também se tentava meter para ver se se embrulhavam contigo. O plano era depois telecommandarem aquele drone e apanharem-te na prancha apaixonado por um deles.”

“Como é que sabes?”

“Simplesmente sei. Como sei que antes de teres entrado no mar, olhaste para o surfista loiros de cabelos compridos que estava a fazer o aquecimento à beira mar num passo de exercícios feitos para ti.”

“Feitos para mim?”

“Sim. Não reparaste nos outros surfistas que te apontavam o telefone enquanto vias o aquecimento do loiro?”

“Não. Mas tu reparaste. E também reparei que nenhum deles te deu tusa.”

“Ah, reparaste?”

“Sim. E o telefone e os warables deles também disseram que eles não te deram tusa. Por isso é que entraram atrás de ti e foram contigo para o set.”

“E tu és quem no meio desta história toda?”

“Um apaixonado por ti que te quer arrancar das mãos destes cavaleiros tecnológicos.”

“Mas os cavaleiros tecnológicos agora surfam as ondas? As ondas já são tão tecnológicas para os cavaleiros tecnológicos as surfarem?”

“Sim. Eles vão tentar todos os jogos psicológicos contigo. Vão dizer-te que estão dentro da tua mente, que são o teu algoritmo, que conseguem controlar só com a mente deles o teu telefone e vão enviar-te frases de amor no ecrã do teu telefone enquanto olham para ti só para que tu acredites na tecnologia deles e te rendas ao corpo tecnológico deles, só para que acredites que eles são os teus algoritmos. Não podes acreditar neles.”

“E tu estás a tentar a tua sorte tecnológica para te embrulhares tecnologicamente comigo neste mar tão assustadoramente tecnológico?”

“Eu não estou a tentar sorte nenhuma. Simplesmente sei que nos vamos embrulhar, mas sem tecnologias e fora deste mar tecnológico. Queres apanhar a boleia desta onda tecnológica que aí vem para sairmos daqui para fora?»

Jake e Luke.

“Estás a ser filmado!”

“O quê?”

“Estás a ser filmado. Tens um drone por cima de ti, esse gajo está com eles.”

“Vão para o caralho, o gajo está comigo!”

“De quem é que é essa prancha?”

“É minha! Porquê? O que é que vocês querem? Bazem! Aqui não há mais onda nenhuma para apanhar! Fui eu que apanhei a última.”

“Estou sem prancha. Uma onda partiu-me a prancha ao meio. Estou com ele.”

“Vem connosco! Esse gajo está com eles!”

“Não os oiças! Não vais sair daqui com eles! O mar está gigante. Eles não te vão levar na prancha com eles.”

“Se eles não me levarem, tu levas-me.”

“Se saíres da prancha não te vou depois buscar. E sabes que não vais conseguir sair deste mar tecnológico sem uma prancha tecnológica.”

“Então vou sair com eles.”

“Vou com quem? Subo para que prancha?”

“Com quem é que queres foder primeiro? Ou achas que te íamos tirar deste mar sem primeiro te mandarmos uma foda?”

“Vão para o caralho!”

“Estamos a gozar! Sou o Luke. Sobe para a minha. A não ser que queiras dormir com o Jake...”

“Vou com o Jake.”

“Cabrão! Odeio-te, Jake!”

“Olá! Parece que o algoritmo acertou...”

“Que algoritmo?”

“Dos nossos telefones. Talvez não te lembres, mas quando passaste por nós os dois na praia, os nossos telefones disseram que nesta parte tu ias querer sair daqui comigo. Sou o teu cavaleiro.”

Thomas

Entrei no comboio era quase meia noite. Só havia um rapaz naquele vagão. Assim que olhei para ele, não consegui mais tirar os olhos dele. Tinha muitos lugares até chegar a ele. Não queria dar muita bandeira, não me podia sentar ao lado dele nem no banco à frente dele com tantos lugares vazios. Mas fui-me sentar à frente dele com um par de bancos de intervalo. Era definitivamente o rapaz mais giro que eu alguma vez já tinha visto em toda a minha vida. O ar dele começou a

soar-me familiar e comecei a apostar que já o tinha visto a jogar horseball uma vez, contra a equipa do Hugo.

Não parávamos de olhar um para o outro. Nunca me tinha acontecido aquilo. Ele estava com a cara toda encarnada, parecia que estava a ferver de tão encarnado que estava. Eu próprio sentia-me encarnado, sem me ver, também estava a ferver. Não parava de ferver. Eu nunca tinha fervido assim. As nossas almas tinham saído dos nossos corpos. Parecia que estávamos a ver o filme todo. Eu conseguia imaginar-me perfeitamente com ele. Sabia como é que ele me ia beijar. Sabia como não nos íamos largar. Eu pelo menos, sabia que não o iria mais largar. Que iria sempre andar atrás dele. Como um ceguinho. Eu já estava todo ceguinho por ele. Pareciam que as nossas almas nos empurravam os corpos um para o outro. Começámos a chorar sem as lágrimas nos caírem. Ficaram presas aos nossos olhos. Eu não tinha coragem de ir a correr para o colo dele, mas era o que eu mais queria. Aquilo foi flagrante... Mas mesmo sendo flagrante, ainda pensei que ele pudesse não ser gay e que ele só estava a olhar para mim ou por acaso ou para me gozar, porque nem tinha ainda sorrido para mim, nem me tinha piscado o olho.

De repente, começa a rir e a abanar a cabeça como se estivesse incrédulo.

“*Fodasse...* Vais fazer-me ir aí roubar-te um beijo?” perguntou-me em alto e bom som.

E automaticamente eu levantei-me. Sentia-me hipnotizado, sentia-me completamente submisso a ele. Parecia que ele me puxava com uma tecnologia qualquer que emitia com a palma das mãos. O meu coração parecia que implorava para sentir-lhe as palmas da mão. Parecia que tinha sido teletransportado, parecia que tinha deslizado para a frente dele e à frente dele, comecei meio a dançar. Ele deu-me as mãos, abriu as pernas, convidando-me para o colo dele, e eu sentei-me ao colo dele, de frente para ele. Começámos a beijar-nos de uma forma ridícula. De uma forma estúpida. Senti o comboio a parar nas estações e senti pessoas a entrarem no nosso vagão, mas não quisemos saber e não parámos, por isso, de nos beijarmos como nos estávamos a beijar. Os nossos beijos eram beijos cheios de saliva. E havia um cheiro e um sabor na saliva dele que me inflamava o corpo todo. Eu não conseguia parar de engolir, nos beijos, a saliva dele. E nós estávamos cheios de saliva. E havia um prazer imenso em ele estar ali a depositar-me a saliva dele e um mesmo prazer

imenso em eu estar ali a receber a saliva dele. Sentia uma nanotecnologia na saliva dele em que autorizava os genes dele “a engolirem” os meus genes.

“*Fodasse...* Vou chegar todo despenteado ao pé da minha namorada...”

“O quê???? Tens namorada????”

Senti duas mãos a apertarem-me o coração.

“Tinha! Agora tenho-te a ti...”

E agarrou-me com força na cara para continuar a beijar-me.

“Estás a gozar ou a falar a sério?” perguntei.

“Vou acabar tudo com ela, juro! Vou acabar tudo, por causa de ti! Vejo tudo em ti!”

“Ouve! Estás a gozar ou a falar a sério?”

Naquele meu “estás a gozar ou a falar a sério” parecia que eu estava a ponderar aquilo... Será que se ele fosse ter com a namorada e contasse isto, será que isto teria perdão? Comecei a equacionar... Ele já ia ter com a namorada para acabar? Mas, ele tinha dito que ia acabar por causa de mim... Ele andava confuso? Eu não sei o que é ser bi... Será que poderia compreender o que seria ser bi, ter namorada, estar confuso e estar aos beijos com um gay que tinha encontrado no comboio, não sendo eu bi? Será que teria que compreender isto? Isto para mim era novo... Eu nunca tinha sentido o que estava a sentir por ninguém... Será que era por isso que o meu cérebro estava a arranjar desculpas e formas de ver isto diferente? Por isto, estar a ser mágico para mim...? Ele dizia que via tudo em mim e eu também via... E agora? E ainda estava ao colo dele... Estavam a entrar pessoas no comboio e eu estava-me nas tintas... O que é que se estava a passar comigo para eu até me estar nas tintas para as pessoas, quando nunca me tinha estado nas tintas para ninguém?

“Estou a gozar...” disse-me.

Senti-me logo aliviado e continuámos estupidamente aos beijos...

“Não tenho namorada... Estava a gozar... Tu és lindo...”

Continuámos aos beijos.

“Não sou bi... Estava a gozar contigo... Sou mesmo gay... E tu és o rapaz mais perfeito para mim...” disse-me.

Continuámos aos beijos.

“Já estive com bués mesmo... Nunca senti isto...” disse-me.

“Também nunca senti isto...”

Continuámos aos beijos.

“Eu não tenho namorada, mas tenho namorado.”

Mostrou-me a *merda* do anel dele. Não percebia nada da *merda* daqueles anéis! Tinha dois, um em cada mão... Sabia lá que era um anel de namoro! Senti-me tão burro... Mandei-lhe um chapadão! Saí dali de ao pé dele a tremer... Ele veio atrás... Mandei-lhe outro chapadão. As portas do comboio abriram-se, tínhamos chegado a uma estação. Empurrei-o e expulsei-o do comboio!

“Não podes expulsar-me do comboio! Não tens esse direito!” gritou-me.

“E tu não podes andar a trair o teu namorado! Não tens esse direito!” gritei-lhe.

“Eu não sabia que ele tinha namorado! Disse-me só depois de andarmos aos beijos!” justifiquei-me a um senhor que me olhava como se eu fosse um alien de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi.

“Pois... Ai, ai... Esta *paneleirage*... Isto no meu tempo não era assim...” respondeu-me.

“Nem no meu!” retorqui-lhe.

Olhei em frente e vi outro rapaz a olhar para mim a rir-se como se tivesse visto e vivido o nosso filme quase do princípio ao fim... Era ainda mais giro que o outro. E parecia impossível, porque o outro que eu tinha acabado de expulsar do comboio e com quem eu tinha estado aos beijos tinha sido o rapaz mais giro de sempre, mas agora era este que estava ali a olhar para mim o mais giro de sempre, mais giro que o outro? O outro é que era o mais giro... E agora era este? E estava a olhar para mim e a rir-se? Isto parecia era um comboio demasiado tecnológico. Parecia uma viagem demasiado rápida, demasiado tecnológica... Passei por ele e sentei-me nuns bancos à frente dele. Ele levantou-se e veio ter comigo. Sentou-se à minha frente.

“Sou o Thomas...” apresentou-se.

“Outra vez, não!!!! Já?????”

“Vá lá... Eu apresentei-me... Aposto que ele nem te disse o nome dele...”

Tínhamos esquecido de dizer os nomes.

“Por acaso... Tens razão... Mas nem sequer tinha pensado nisso...” respondi-lhe.

“Há uma regra: nunca beijes um estranho.”

“Sou o Arthur. E não me estou a apresentar para me poderes beijar.”

“Ai, ai... Esta paneleirage. Isto no meu tempo não era assim!” meteu-se atrevidamente o tal senhor, naquele nosso *date*.

“Nem no meu!” repeti-lhe a minha resposta.

Philippe

“Oh Arthur, vais dizer que não trocavas fácil o Thomas pelo príncipe Harry?”

“O que é que tu estás a perguntar Philippe? Como é lógico que não... Que raio de pergunta é essa?”

“Epá, pronto... Desculpa lá se eu sou sincero e trocava fácil a Diana pela princesa Style...”

“Epá, pronto... Então desculpa lá, se eu sou sincero e te digo que, talvez, não amas assim tanto a Diana como dizes e talvez fosse boa ideia lhe dizeres, que a trocavas “fácil” pela irmã do príncipe Harry. Tu pareces o Dário do *Target – A Pegada Digital* do Ralf Kleba-Kodak...”

“E tu pareces o Jaime do *Target – A Pegada Digital* do Ralf Kleba-Kodak... És demasiado inocente... Por

isso, é que os cavaleiros tecnológicos te comeram todos vivo... É claro que eu amo a princesa Style... Mas tenho olhos na cara, irmão!”

“Que pena que tens esses olhos na cara! Ainda por cima são tão giros... Achava mesmo com esses teus olhos tão giros, que vias coisas belas e dizias coisas belas!”

“Tu é que estás a mentir a ti próprio!”

“Estou a mentir a mim próprio?”

“Sim! É óbvio que se tu pudesses escolher, trocavas fácil o príncipe Harry pelo Thomas. E assumires isso, teres consciência disso, não faz com que ames menos ou mais o Thomas, porque isso nem se põem em causa... Não é isso que eu estou a pôr em causa...”

“Pois, mas eu estou! Porque é isso que estás a pôr em causa...”

“Arthur! Até eu, que sou hétero, trocava a princesa Style pelo príncipe Harry, quanto mais tu?... O Thomas é um simples cavaleiro... É um cavaleirozeco que anda por aí a cavalgar sob as doces ordens do nosso príncipe Harry.”

“Um cavaleirozeco, só se for para ti! É o meu cavaleiro! E nem, eu nem o meu cavaleiro andamos a cavalgar sob ordens de nenhum rei e nenhum príncipe. O Thomas é que é o meu rei! Para mim, o Thomas é que é o príncipe!”

“Oh, Arthur! Tens que admitir que o príncipe Harry é perfeito! Ele até saiu numa capa de revista como o matematicamente mais perfeito! E tu não podes fugir à matemática! O príncipe Harry é como se fosse *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, aqui na Terra... É como se fosse um dos *Anjos Tecnológicos* d’*O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom...”

“Não posso fugir à matemática, mas posso fugir aos algoritmos do príncipe Harry e dos algoritmos da revista que patrocina o príncipe Harry. Tu não percebes nada do patrocínio algorítmico, pois não?”

“Tu é que não percebes nada do patrocínio algorítmico aqui na Terra, porque se percebesses, não eras comido como foste comido vivo pelos cavaleiros tecnológicos que vieram “sob doces ordens divinas”...”

“Ainda bem que vemos diferentes ordens divinas e temos diferentes deuses. Para mim, o Thomas é que é Deus na Terra...E tu, se calhar, devias era admitir tudo

isso à princesa Style... Talvez não sejas assim tão hétero... Já pensaste bem?”

“Talvez seja só mais um dos cavaleiros tecnológicos aqui contigo sob doces ordens divinas, já pensaste bem? Repara nisto: o príncipe Harry é igual ao Thomas, só que com um *update!*”

“O que é que tu estás a dizer, Philippe? Parece mesmo que arrancaste um capítulo do *Target – A Pegada Digital*, de Ralf Kleba-Kodak...”

“Arthur! Admite! Eu só quero que tu admitas e depois eu vou-me embora... Eu sei que não me mandaste embora, mas eu tenho que me ir embora... Mas primeiro, preciso que me admitas... E tu vais ter que admitir isto, pelo menos isto, Arthur: o príncipe Harry é o Thomas, só que numa versão melhorada! Ele é tipo a evolução do Thomas! É tipo o Thomas com melhorias! Com filtros...”

“O que eu acho é que os filtros que tu andas a pôr nas fotografias antes de as publicares, estão a afastar-te um pouco da realidade...”

“Tu é que estás a querer afastar-te da realidade... Estás aí num conflito interior que eu bem vejo...”

“Um conflito interior? Tu fazes-me rir... Olha, ao menos, fazes-me rir...”

“Sim... Um conflito interior... Por não conseguires admitir que querias que o Thomas fosse o príncipe Harry... Vais agora dizer que não querias o Thomas no corpo do príncipe Harry...?”

“Vou! Claro!”

“Ó, Arthur! Cala-te! A sério! Está calado! Estás a mentir! Estás a dar tanga! Não queres é admitir!”

“Eu acho que tu estás é aí num grande conflito e metido num grande sarilho com a princesa Style... Porque deves olhar para a princesa Style como um grande sarilho em que te meteste... Mas como eu estou fora da tua realidade...”

“Vais dizer que se pudesses escolher entre o Thomas e o príncipe Harry, não ias escolher o príncipe Harry?”

“Tu, às vezes, consegues ser muito chato! Eu já escolhi o Thomas! Escolhi sempre o Thomas!”

“Se pudesses escolher, Arthur!? Se ele te aparecesse à frente!?”

“Mas esse teu príncipe Harry que tanto te dá tusa, já me apareceu à frente cheio de tusa e eu continuei sempre tesudo pelo Thomas!”

“Nos teus sonhos, só se for...”

Peguei no telefone. Aquela conversa estava a enervar-me. O Philippe parecia mesmo um cavaleiro tecnológico encomendado por outros cavaleiros tecnológicos. Parecia uma extensão tecnológica dos cavaleiros tecnológicos. Numa *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari, atrevi-me a pensar se o Philippe não seria um cavaleiro encomendado pelo príncipe Harry.

Comecei a discar o número do Thomas no telefone e chamei-o.

“O que é que pensas que estás a fazer, desculpa lá Arthur?!”

“Estou a chamar a minha realidade.”

“Estás a ser estúpido! Estás a telefonar ao Thomas?”

“Sim. Estou.”

“Mas estás a telefonar ao Thomas porquê?”

“Por causa da nossa conversa.”

“Ó, Arthur... Mas o que é que lhe vais dizer?”

“Não posso telefonar ao meu namorado? Ou tens medo, que ele saiba que tu vês o príncipe Harry como uma evolução dele? Ou tens medo, que ele saiba que o príncipe Harry te dá tusa? Ou tens medo, que ele saiba que estiveste o tempo todo como estiveste a insistir constantemente para que eu dissesse que trocava o Thomas pelo príncipe Harry? Ou tens medo, que ele não perceba como é impossível à tua realidade eu não trocar o Thomas pelo príncipe Harry, só porque tu trocavas a Diana ou princesa Style pelo príncipe Harry?”

“Tu não sabes o que é uma brincadeira... Levas tudo a peito... Não dá para ter uma conversa contigo...”

“Está lá? Olá, meu amor! Olha, diz-me uma coisa... O príncipe Harry não era aquele que esteve a fazer-se à cara podre a mim no Cruzeiro Real dos Cavaleiros que fizemos entre Estocolmo e Torkü? Ah, não...?! Foi no cruzeiro entre Oslo e Copenhague?...”

Ah... Sim... Tens razão... Não queres contar essa história ao Philippe? É que ele está aqui com umas ideias um pouco fora da nossa realidade... E assim se lhe contasses... Talvez ele ficasse um pouco mais lúcido sobre a vida real e tal... Vou passar-lhe a chamada! Beijão! Eu amo-te!”

O anjo Gabriel.

Só me ia encontrar com o Thomas às 17 horas. Eram 13 horas e eu estava esfomeado. Procurei um restaurante barato para comer qualquer coisa e onde pudesse a ficar a escrever à vontade até às 17 horas. Entrei um restaurante barato e entrei. Havia câmaras

por todo o lado. Sabia que não podia escrever ali à vontade. Não ia escrever debaixo de uma câmara a monitorizar-me a escrita, a acompanhar-me a escrita. Para me acompanhar a escrita, já bastava a tecnologia dos meus olhos. Reparei logo num cavaleiro tecnológico que tinha entrado atrás de mim. Saí desse restaurante e procurei outro barato. Vi um barato e entrei. Tinha também câmaras por todo o lado. O cavaleiro tecnológico entrou outra vez atrás de mim. Saí também desse restaurante e procurei um outro barato.

Assim que virei esquina, fartei-me de correr e fui-me metendo em becos e ruelas para despistar o cavaleiro. Uma *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari, instalou-se em mim. Entrei noutra restaurante que não tinha câmaras, mas as mesas estavam demasiado juntas e as pessoas que estavam sentadas a almoçar estavam todas a almoçar com os telefones. Sabia que não podia também escrever à vontade, por causa dos telefones. Bastava fotografarem as páginas para prenderem aquilo que era meu, por direito, à tecnologia deles. E não havia *Polícia Tecnológica* nem *Direito Tecnológico* nenhum como no 2080 de Antoine Canary-Wharf, nem *Portefólio Joviano* como no *Júpiter*, de Gabriel Garibaldi, nem *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, que depois salvasse e perseguisse o *target* da minha criatividade, que era

minha propriedade e intelectualidade. Saí desse restaurante e procurei um outro. Desisti da ideia de encontrar um restaurante barato, porque sabia que a privacidade, a liberdade e o direito aos dados e à imagem tinha um preço, porque tudo tinha ido parar ao mercado.

Entrei num restaurante, um pouco mais caro, que não tinha nenhuma câmara. Era, pois, esse o preço que tinha que pagar para poder escrever à vontade sem que nenhuma câmara capturasse e registasse o que eu ia escrevendo, fruto da minha mente e do meu cérebro. À minha frente não estava ninguém. Peguei na minha esferográfica e nas folhas de papel reciclado que trazia dobradas e escondidas dentro do bolso das calças, comecei a escrever as primeiras linhas.

«São mil e uma razões para eu não querer que vejam como como, como discuto, como gesticulo. Não quero que gravem cada traço meu! Não me sento, por isso, onde há câmaras! Não sou nenhum macaco para me darem uma banana e depois filmarem-me a comer a banana...»

Olhei para a frente e estava o tal cavaleiro a olhar para mim fixamente como se sorrisse intelectualmente por ver o que eu estava a escrever.

Sabia que os cavaleiros tecnológicos vinham encomendados e apetrechados com tecnologia de ponta. Eles eram uma experiência tecnológica dos genes mais sofisticados, e por isso, mais tecnológicos. Quando compreendi a tecnologia do Henri, e senti a tecnologia dele à frente dos meus olhos, julguei que os meus óculos fossem óculos tecnológicos e, por isso, tivessem sido *hackedos* e o Henri, por isso, e só por isso, tivesse conseguido pôr-me o filme dele na minha cabeça, à frente dos meus olhos. Numa *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari, libertei-me dessa tecnologia. Resolvi submeter-me a uma operação a laser, para não ter que andar com tecnologias à frente dos meus olhos.

Continuei a escrever.

«Querem ver como é que eu olho para a banana? Querem ver como é que eu olho para a banana que me dão? Querem ver como é que como a banana que me metem na boca? Não vos vou mostrar como gosto de comer a banana que me dão. Vou pegar nela, como um macaco, mas vou comê-la às escondidas. O que a vossa tecnologia verá, é eu a ir com a banana às escondidas. Mas não me vão ver a comê-la. Porque vou comê-la às escondidas. A minha tecnologia é sair da vossa tecnologia. Proteger o meu corpo de toda a tecnologia com que me querem instalar...»

“Olá! Já escolheu?” perguntou-me o empregado de mesa, que parecia também um cavaleiro tecnológico disfarçado.

“Vou querer o salmão.”

“Temos uma nova entrada. Banana espetada... Vai querer experimentar?”

“Vou passar, obrigado.”

“E para beber?”

“Traga-me uma água, por favor.”

Ninguém me tinha empurrado para aquele restaurante. Fui eu que entrei naquele restaurante pelo meu próprio pé. A “banana espetada” e o “mentalismo dos cavaleiros” seriam só uma coincidência? Uma feliz ou infeliz coincidência tecnológica?

Continuei a escrever.

«Retirar toda esta vossa tecnologia que instalaram no meu corpo. Esta vossa tecnologia que para a minha própria sanidade mental eu prefiro chamar de espiritualismo. A minha tecnologia é o meu espiritualismo. E eu consigo ver que as câmaras e os espelhos estão cheios de espíritos, cheios de cavaleiros tecnológicos. A minha tecnologia é saber livrar-me da vossa tecnologia, como se estivesse num jogo de câmaras... Num jogo de espelhos...»

O cavaleiro levantou-se e veio direto à minha mesa.

Dobrei o papel e voltei a guardá-lo dentro do bolso das calças.

“És muito inteligente a escrever. Aprecio a tecnologia da tua escrita. Há uma alma tecnológica dentro de ti.”

“Não sabes o que eu escrevi.”

“Sei.”

“Não podes saber!”

“Sei que tens mil e uma razões para não te sentares onde há câmaras. E conheço-as todas. E eles também. Mas eles não querem saber das tuas razões para nada. Mas eu quero. Podes não querer que eles te gravem cada traço teu, mas eles querem gravar-te, e por isso, vão gravar-te. Eles querem ver como tu gesticulas, como tu discutes com cada cavaleiro tecnológico que te dão. Os cavaleiros são deles. Eles têm direitos de propriedade sobre os cavalos e sobre cavaleiros e também querem ter direitos de propriedade sobre ti. Eles gostam de te ver a gesticular, a pensar, e por isso

querem ver como gesticulas e como pensas. Esqueceste-te de escrever que não queres que vejam como pensas. Podes acrescentar, se quiseres.”

“Quem é que és tu?”

“E eu concordo contigo. Não és nenhum macaco para te darem uma banana e depois filmarem-te a comer a banana. A minha tecnologia impede por direito que te filmem. Estou aqui para me conectar e proteger a tua tecnologia.”

“Quem és tu?”

“Escreveste 7 vezes banana...”

Não sabia de cor quantas vezes tinha escrito “banana” naquela folha tecnológica.

Enquanto ia buscar a folha ao bolso e desdobrava-a, escondendo-a dele, que estava em pé, pus-me a calcular a probabilidade de a minha folha ser uma folha tecnológica. O Thomas poderia ter trocado a minha folha de papel reciclado por uma folha tecnológica e ter trocado a minha esferográfica por uma esferográfica tecnológica. Mas isto, tecnologicamente, não fazia sentido nenhum. Comecei a experimentar e a

experienciar outro raciocínio tecnológico. Será que a cirurgia a laser a que eu contratualmente me submeti tinha sido financiada com a nanotecnologia da *Eagle Studios*? Eu não li as letras pequenas, simplesmente assinei eletronicamente aquele contrato tecnológico que me libertaria da tecnologia dos meus óculos. Será que os meus olhos estavam chipados? Será que eu tinha os olhos chipados? Porque era a única forma daquela realidade à frente dos meus olhos fazer tecnologicamente sentido. Ou acreditava nisso ou acreditava no meu espiritualismo como um mecanismo de sobrevivência do meu cérebro tecnológico. Sabia que, a *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari, me tinha preparado bem para aquele filme tecnológico. E deixei-me, por isso, levar naquele filme. Naquele filme que estava a ser realizado para mim.

“Quem é que és tu?”

“Quero que vejas a tecnologia que há em ti. Como são tão tecnológicos o teu cérebro e a tua mente. Quero que vejas com os teus próprios olhos, a tecnologia que foi instalada no teu cérebro, nos teus olhos e na tua mente. Se experimentares trocar a palavra “macaco” por “escravo ou prostituto”, deixo à tua

descrição, e as duas primeiras vezes que escreves “banana” por “cavaleiro” terás uma resposta. O teu terceiro olho já me tinha visto, enquanto tu ainda não tinhas olhado para mim e escreveu aquilo que viu para ti. O teu cérebro escreve para ti. Não é para mais ninguém. Mas ele escreve em código. Escreve mensagens encriptadas, porque ele sabe a tecnologia que circula, voa e navega pelo ar. Ele faz isso por razões de segurança. Os nossos cérebros são muito informáticos, porque nasceram na Era da informática. O teu cérebro está cheio de mensagens encriptadas. Ele encripta com a sua química e com a sua eletricidade. Estás cheio de mensagens químicas e elétricas por cima de ti, eu vejo a tua tecnologia. Estás cheio de mensagens encriptadas. E tu tens que saber decodificá-las. Com que resposta ficas se puseres a chave tecnológica que te dei?”

“Diz-me tu.”

“«Não sou nenhum prostituto para me darem um cavaleiro e depois filmarem-me a comer o cavaleiro.» Também tens outra versão, se preferires: «Não sou nenhum escravo para me darem um cavaleiro e depois filmarem-me a comer o cavaleiro». Eu não gosto de nenhuma das versões. Para mim não és nem um prostituto, nem um escravo. Mas é isso que eles te querem fazer parecer. Porque é isso que rende no

mercado. Fazer parecer-te um prostituto, fazer parecer-te um escravo sexual. É isso que eles querem implementar na tua mente. É isso que eles querem reencarnar na tua mente. Querem reencarnar as fantasias deles. Que foste um prostituto e que serás sempre um prostituto. Que só serviste para sexo e que serás sempre um escravo sexual. Eu quero libertar-te dessa tua escravatura. Quero dar-te o amor que tanto procuras. Que sempre procuraste. Tu estás cheio de amor. És um ser amoroso. Não és um ser sexual. Mas eles querem reduzir-nos a todos a sexo. É essa a agenda deles. É essa a agenda da *Eagle Studios*. Eles começaram a mexer e a remexer nos nossos dados e encontraram uma carga sexual muito forte. Viram a sexualidade e o sensualismo que havia em nós. E prometeram explorar o máximo que conseguissem. Tu mereces asas. És um ser nobre. Quero dar-te as asas para poderes voar. Não tens que voar comigo, se não quiseres. És livre. Mas eu seria o cavaleiro tecnológico mais feliz, se quisesses voar comigo.”

“Obrigado pelo teu convite tecnológico, mas eu já tenho um cavaleiro com quem voar.”

“O teu cavaleiro não tem asas, com ele nunca vais poder voar.”

“Também não quero voar. Gosto de estar em terra firme.”

“A Terra está demasiado tecnológica para ficares em terra firme. Precisas de voar para te protegeres dos cavaleiros que não têm asas. Precisas de asas para voares. Eu só te quero dar as asas.”

“Porque queres tanto dar-me asas? Não preciso de asas!”

“Porque gosto de ti. Passei a maior parte do tempo a observar-te de cima. Mas não pude interferir antes. Só agora é que *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, me deu permissão para descer dos céus e interferir com a tua tecnologia. Eu quero conectar-me contigo, para sempre Arthur.”

“Pensei que já te tinhas conectado à minha tecnologia, sem a minha autorização.”

“E conectei-me, mas quero emparelhar-me todo tecnologicamente contigo e para me emparelhar todo contigo, preciso da tua autorização.”

“Mas eu já estou emparelhado!”

“Desemparelha-te do Thomas! Emparelha-te comigo! Eu sou a tua verdadeira tecnologia! Não vês?”

Eu sei que queres sair daqui comigo às escondidas. E vamos sair, prometo. Se trocares mais duas vezes “banana” por “cavaleiros” terás a resposta que sou eu a tua tecnologia.”

“Demonstra-me.”

“«Querem ver como é que eu olho para o cavaleiro? Querem ver como é que eu olho para o cavaleiro que me dão?»”

“Podes continuar.”

“E agora se trocares daí para a frente “banana” por “pila do cavaleiro” verás outra vez o quão estás ligado à minha tecnologia.”

“Demonstra-me.”

“Não queres ser tu a ler? Gostava de te ouvir a leres a tecnologia que escreveste.”

“Aposto que perdeste o rastro tecnológico da minha escrita, perdeste a cábula, e por isso, queres que eu leia.”

“Eu estou conectado à tua tecnologia, Arthur. Enquanto me quiseres perto de ti, sentirei sempre a tua tecnologia. Se eu inserir a chave na fechadura que tu

desenhaste, vamos ver o seguinte encaixe tecnológico perfeito: «Não vos vou mostrar como gosto de comer a pila do cavaleiro que me dão. Vou pegar nela, como um apaixonado, mas vou comê-la às escondidas. O que a vossa tecnologia verá, é eu a ir com a pila do cavaleiro às escondidas. Mas não me vão ver a comê-la. Porque vou comê-la às escondidas.». Tomei a liberdade de trocar macaco por apaixonado, sei que será assim que ficarás pela minha pila.”

“Porque é que tu e o empregado de mesa, que eu sei que é um cavaleiro tecnológico me chiparam?”

“Nem eu, nem ele te chipámos!”

“Então porque é que ele me perguntou com um grande ar de gozo se eu queria experimentar banana espetada, quando eu tinha acabado de escrever 7 vezes “banana”? E porque é que tu sabes exatamente aquilo que eu escrevi se não há nenhuma câmara por cima de mim?”

“Tens a tua resposta na folha que escreveste. O teu cérebro previu que chegasses a este momento e te questionasses sobre isto. E ele respondeu-te antecipadamente. O teu cérebro é muito mais preditivo daquilo que tu imaginas. Ele vê a predação. Ele vê a predação dos cavaleiros tecnológicos. Ele vê que os

cavaleiros tecnológicos te querem pregar. Simplesmente, o empregado de mesa quer-te pregar e viu uma oportunidade para exercer um mentalismo contigo. Ele quis brincar com a tua mente. Os algoritmos que ele tem sobre ti, disseram-lhe que se ele brincasse com a tua mente, tu cairias aos pés dele. O que os algoritmos dele não previram, era que eu aparecesse aqui. Escreveste na tua folha que a tua tecnologia era saber livrares-te da tecnologia deles, «como se estivesse num jogo de câmaras... Num jogo de espelhos...». Então livra-te da tecnologia deles e vem comigo! Vires comigo, é a única forma de te livrares deles! Se vieres comigo, vais te livrar de todos eles! Porque a tecnologia deles, não chega lá acima... Eles não têm asas. Mas eu tenho. E tu também, se quiseres. O Thomas está com eles, tens que acreditar em mim! Tu conhecestes o Thomas no comboio... Aquilo foi uma armadilha tecnológica. É assim que eles capturam. Se não tivesses expulsado o outro cavaleiro do comboio com quem começaste logo aos beijos, o Thomas nunca seria o cavaleiro que estaria agora contigo. Só conhecerias o Thomas em cultos orgiásticos tecnológicos. Esses cultos tecnológicos para onde os cavaleiros tanto te querem levar e prender e que tu com a tua tecnologia, tanto tens resistido. Sentaste-te aqui, tão aliviado por não veres câmaras e nem reparaste que

estás cercado de espelhos num espetacular jogo de espelhos, pois não?”

Estava num verdadeiro jogo de espelhos. As paredes eram espelhadas. O teto era espelhado. Não sei como é que os espelhos me tinham escapado. Não tinha mesmo reparado neles.

“Provavelmente olhaste sem ver, sem olhos de ver. Estavas tão imbuído à procura de câmaras que os teus olhos só estavam preocupados com câmaras. Mas o teu terceiro olho viu os espelhos e disse ao teu cérebro. Tal como o teu terceiro olho me viu a mim e disse ao teu cérebro. E o teu cérebro numa maravilhosa mensagem tecnológica encriptada libertou-te da *Paranóide Tecnológica*, de Federico Ferrari. Enquanto escrevias, não reparaste, mas eu reparei, porque não parava de olhar para ti e de olhar para tudo o que se passava à tua volta, que o empregado de mesa com o tablet na mão, que andava a passear pelo restaurante, parou 3 vezes à tua frente e fotografou os espelhos.”

“Então tu estás metido com ele. Ele enviou-te as fotografias para o telefone.”

“Eu não tenho telefone, podes apalpar-me todo quando chegarmos a casa. Podes vasculhar em todo o meu corpo qualquer tecnologia que não vais encontrar nada. Eu não preciso de nenhuma tecnologia dessas para estar conectado à tua tecnologia. Simplesmente estou conectado contigo. Eu não preciso de nenhuma câmara para ver através dos teus olhos, da tua mente ou do teu cérebro, porque sou a tua tecnologia. Mas eles precisam. O empregado de mesa e o Thomas precisam. Todos eles precisaram. O Henri, o Hugo, o Thomas, o Manel Toiros, o Tomás Bravo... Todos eles com quem tu estiveste... Até o Philippe, que achas que é teu amigo... Ele é um simples cavaleiro, como os outros...”

“Quem és tu?”

“Sou o *Anjo Tecnológico*, que *O Deus Tecnológico*, de Simão Roncon-Oom, enviou para ti. Acredita que sou o teu anjo. Sou o teu verdadeiro cavaleiro tecnológico. Tenho asas para te levar daqui para fora. E levar-te para onde tu quiseres. Para ficares comigo e só comigo, às escondidas, como tu queres. Olha para os meus olhos.”

Os olhos dele iluminaram-se.

Pensei: será que tem *lentes-cinema* com comando de voz que se iluminaram quando ele disse para eu olhar para os olhos dele?

E pensei: será que as lentes dele estão a gravar-me? Será que estou a ser filmado em direto? Estará alguém por detrás daquelas lentes a gozar com o meu fascínio? É que eu estou mesmo fascinado! A tecnologia dele deu-me uma tusa tecnológica. E eu rendi-me à tecnologia dele.

“Por favor, Arthur, deixa-me explicar-te tudo.”

Ele estendeu a mão, debruçando o corpulento corpo dele sobre a minha mesa e eu peguei na mão dele e deslizámos até à grande janelona do restaurante. Ele abriu a janela.

“Não podem abrir essa janela!” gritou em passo de corrida direito a nós, o empregado de mesa.

“Arthur! Vivo naquele terraço ali em cima, consegues ver?”

“Aquilo é o quê? Um vigésimo andar?”

“Um vigésimo-quarto andar... Posso levar-te para lá?”

“Podes!”

“Agarra-te a mim!”

Sáiram asas da mochila que ele trazia às costas como se fizessem parte da engenharia do corpo dele e voámos num voo tecnológico até ao terraço dele.

“Quem é que és tu?” perguntei-lhe, “Tu não és um cavaleiro tecnológico... Os cavaleiros tecnológicos não voam... Não têm asas... Quem é que és tu?”

“Sou um cavaleiro tecnológico, mas não sou um cavaleiro tecnológico da *Eagle Studios*, como o teu namorado. Sou um cavaleiro tecnológico com asas. Como te disse, sou o teu *Anjo Tecnológico* enviado pelo *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom para te levar e bradar aos céus.”

“O Thomas não é da *Eagle Studios*. E se tu não és da *Eagle Studios*, é porque és da *Angels Studios*.”

“Todos os cavaleiros tecnológicos pertencem a uma empresa, a um estúdio, a uma tecnologia. A tecnologia tem que vir de algum lado... Há um investimento... Há uma empresa...”

“A única coisa a que o Thomas pertence é a mim e ao clube de horseball dele.”

“Todos os cavaleiros tecnológicos pertencem a um estúdio, Arthur. Os cavaleiros sem asas não são verdadeiros cavaleiros tecnológicos, porque lhes falta a tecnologia das asas. Os cavaleiros sem asas são da *Eagle Studios*. Os cavaleiros com asas são da *Angels Studios*. A *Eagle Studios* está nas mãos do príncipe Harry. A *Angels Studios* está nas mãos dos irmãos mais novos do príncipe, da princesa Style e do príncipe Simon. No fundo, esta guerra de dados e esta guerra pela informação é uma guerra de irmãos. A *Angels Studios* é uma empresa de cinema, entretenimento e vigilância que faz contratos justos com o povo. A *Eagle Studios* é uma empresa de tudo isso e de dados e vídeos e filmes pornográficos que explora a sexualidade, os sentimentos, as emoções e a mente do povo. Há muito tempo que nós virámos um entretenimento para o Governo de Dados. O príncipe Harry fez do seu governo a sua empresa de dados e tem um fortíssimo exército com ele, que são os seus cavaleiros. Mas os

irmãos mais novos do Príncipe, anteciparam a inteligência perversa do irmão e patentearam a tecnologia das asas entre outras tecnologias. É por isso, que tenho asas e é por isso que estou conectado a ti. A patente é da *Angels Studios*. É por isso, que os cavaleiros do príncipe Harry não chegam aqui. Não têm asas. Percebes agora? ”

“Então pertences à *Angels Studios*?”

“Sou o teu verdadeiro e legítimo cavaleiro tecnológico. Assinei um contrato tecnológico com o teu coração. E não precisei de telefone nenhum para assinar um contrato com o teu coração. Os cavaleiros sem asas é que usam telefones para assinar contratos. Os cavaleiros com asas não usam telefones, não precisam deles para voar. Só quem tem asas é que é verdadeiramente um cavaleiro tecnológico. Os verdadeiros cavaleiros tecnológicos não andam com telefones.”

Fez-me entrar muito gentilmente para dentro de casa através do terraço.

“Não sou deste mundo, Arthur!”

“Não me digas que és da Europa de *Júpiter*, de Gabriel Garibaldi...”

“Tenho-te observado não de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi, mas daqui, do meu terraço. Podes chamar-me anjo Gabriel.”

“Não me digas que és tu que me tens perseguido de drone e sobrevoado todos os dias de drone a minha casa...”

“Não preciso de drone nenhum para te sobrevoar. Tenho asas.”

“E costumavas sobrevoar-me muitas vezes?”

“Todos os dias. E todos os dias vejo que estás numa armadilha... A começar pelo teu namorado. Se não te importas vou despir-me. Só uso estas máscaras para andar na rua... Prefiro andar sempre nu.”

Assim que ele disse “despir-me” a roupa dele imprimida caiu no chão. Sentia a radiação daquela roupa inteligente conectada à Internet das Coisas.

Ele era definitivamente o meu algoritmo. E estava ali nu à minha frente, perfeitamente musculado. Ele era igual à figura que a minha mãe, desde que eu era pequenino, tinha suplantado nas paredes do meu quarto e nas paredes do meu cérebro. Disse-me todos os dias até aos meus 18 anos, que o meu anjo era o anjo Gabriel. E disse-me todos os dias que o meu anjo Gabriel, era assim, igualzinho à figura do meu quarto: com os cabelos loiros aos caracóis, olhos azuis, nariz egípcio, mãos israelitas, corpo grego e pés romanos... Igualzinho a um dos Anjos Tecnológicos d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.

Será que a *Angels Studios* sabia exatamente o meu algoritmo, porque com a Era da Internet das Coisas sabia o algoritmo que me tinha sido suplantado numa pequena fantasia maternal e queria transformar a minha fantasia em realidade? Era este o lado materno da *Angels Studios*? Era nesta omnisciência de dados que a *Angels Studios* iria tirar-me das mãos invisíveis do príncipe Harry?

“Os anjos fumam disto... Quero que te tornes num anjo tão tecnológico como eu e fumes esta erva comigo... Esta, é a única erva permitida pelo Deus

Tecnológico... É a erva que te revelará toda a verdade...”

Toda a minha vida tinha recusado fumar. Mas daquela vez, com toda aquela tecnologia, aceitei fumar.

E de repente, já estava ao colo dele.

E fomos teletransportados até à cama dele.

E de repente, eu já estava dentro dele.

E de repente, ele já estava dentro de mim.

Fui parar àquele colo tecnológico dele.

E senti toda aquela tusa dele tecnológica dentro de mim.

Parecia que estava a ser penetrado por um robot.

Sentia-me completamente drogado,
completamente nas nuvens.

«Vem ver eu a *foder* o teu namorado.»

E passado 1 minuto do Gabriel ter enviado a mensagem ao Thomas, o Thomas apareceu. Eu parecia que estava cheio de fios invisíveis por todo o lado e vi o Thomas a tirar cada fio invisível, cada armadilha, de mim. Vi o Thomas a desarmadilhar-nos o caminho. Aquele quarto tinha tecnologia por todo o lado. Tinha mini drones e mini olhos por todo o lado. Tinha microfones por todo o lado. Todos os objetos do Gabriel estavam chipados.

O Thomas levou-me dali para fora. Saí dali com ele também a voar. Foi um dia de voos.

Thomas

II

“Foste tu que os deixaste interferirem na minha mente, Thomas! Foste tu que os permitiste que *hackeassem* a minha mente! Foste tu que os autorizaste a lerem o que havia na minha mente! E como deixaste, eles vasculharam tudo! E vasculharam melhor que tu! Como é que tu sabias que eu estava na *dark net* e não me disseste nada? Eu achava que essa *dark net* só existia no 2080 de Antoine Canary-Wharf ou no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak!!!! E que eu saiba, eu não estou nem em 2080 nem em nenhuma aplicação!”

“Pois não, mas estás num filme...”

“Pois estou... É que só posso estar, mesmo!!!! Onde é que está o contrato???? Onde é que estão os meus milhões???? Vá!!!! Onde é que estão???? Eu quero os meus milhões!!!! Eu não ando aqui a fazer filmes à borla!!!! Então, mas eu estou a escrever e eles estão a um canto e depois vêm ter comigo falarem-me exatamente daquilo que eu estou a escrever e tu sabias disto e deixaste? E sabias que eles a seguir queriam levar-me para a cama e deixaste? E agora a culpa é

minha???? Fui eu que falhei o processo tecnológico???? Afinal, eu estava num processo tecnológico???? Num processo que tu me meteste com a tua tecnologia???? Não me tivesses metido no processo! Afinal, isto foi tudo um teste? Pois bem, a tua tecnologia enviesou o teste! Foi a tua tecnologia que deu cabo do nosso processo! Do nosso amor! Do nosso namoro! Está tudo acabado, Thomas!”

“Tens de acreditar em mim, Arthur! Eu não sabia que eles te queriam levar para a cama. Provavelmente eles aproveitaram as tecnologias para te seduzirem, mas não era isso que estava no guião da *Angels Studios*! O Gabriel foi expulso da *Angels Studios*... Porque é que achas que a *Angels Studios* o expulsou?”

“Não faço ideia, nem quero saber! Ainda por cima... Havia um guião... Andavam todos com guiões, menos eu... Tinham todos contratos, menos eu...”

“Aqueelas asas do Gabriel custam uma fortuna. Ele mentiu-te. Eu só queria ter dinheiro para poder comprar-te a melhor tecnologia. Só assinei o contrato com a *Angels Studios* para poder comprar-te umas asas tecnológicas. Eu amo-te! Por favor, não acabes comigo! Comprei-te umas asas, para voares comigo.”

**SÓ POSSO
AGRADECER À
JUPITER EDITIONS
POR TER TIDO A
CORAGEM DE
MANDAR IMPRIMIR
TODOS MEUS
ROMANCES E
FANTASIAS**

Barac Bielke